

adf

AFRICA DEFENSE FORUM



OPERADORES DE ELITE

Forças Especiais Usam
Rapidez, Furtividade e
Tecnologia para Defender
as Suas Nações



PLUS

Uma Conversa com o Brigadeiro John Kinyua Njeru,
Comandante do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia

VISITE-NOS EM ADF-MAGAZINE.COM

reportagens

8 Rápidos, Letais e Interligados
Líderes das SOF procuram formas de melhorar a interoperabilidade no Silent Warrior 25

14 'Estejamos Sempre Dois Passos à Frente da Ameaça'
Uma entrevista com o Brigadeiro John Kinyua Njeru, comandante do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia

20 Adaptando-se ao Campo de Batalha Tecnológico
As forças de operações especiais procuram inovar, aprender e evoluir num ambiente em rápida mudança

26 Terra, Rios, Lagos e Mar
Forças especiais navais de elite combatem uma série de ameaças

34 A Importância Estratégica da Gestão de Fronteiras
A segurança das fronteiras exigirá coordenação e cooperação entre agências e entre nações

40 Estradas em Chamas
Como as redes de transporte estão a moldar os conflitos na África Ocidental

46 Flintlock Colmata Lacunas de Segurança
O exercício anual de combate ao terrorismo amplia as competências da unidade de operações especiais para combater ameaças crescentes

50 Homens, em Vez de Máquinas
Formação, apoio holístico e orientação desenvolvem o capital humano das SOF

colunas

4 Pontos de Vista

5 Perspectiva Africana

6 África Hoje

32 Batimento Cardíaco Africano

56 Ferramentas da Profissão

58 Força Futura

60 Defesa e Segurança

62 Manutenção da Paz

64 Trabalho em Equipa

66 Retrospectiva

67 Onde Estou?



**A Africa Defense Forum
está disponível online**

Visite-nos em adf-magazine.com

NA CAPA

A capa ilustra operadores das forças de operações especiais (SOF) da Costa do Marfim, da Serra Leoa, da Tunísia e dos Camarões numa variedade de cenários de treinos e combate ao terrorismo. Unidades talentosas das SOF estão a desempenhar um papel importante na resposta a ameaças assimétricas no continente africano.

FOTOS DA REUTERS E DO
DEPARTAMENTO DE GUERRA DOS EUA

Com as insurgências a multiplicarem-se em África, as forças armadas estão a investir nas forças de operações especiais (SOF). Estes operadores altamente treinados e disciplinados enfrentam ameaças assimétricas recorrendo à velocidade, à discrição e à letalidade.

Mas, à medida que a importância das SOF cresce, estas têm de se adaptar para responder aos desafios do século XXI. Ataques terroristas transfronteiriços, drones armados, ataques cibernéticos apoiados por IA — todas estas ameaças exigem novas parcerias e formação.

Os líderes concluíram que as SOF têm de ser interoperáveis para serem eficazes. Embora o pessoal das SOF dos países africanos fale línguas diferentes, utilize equipamento diferente e siga procedimentos diferentes, partilha o mesmo vínculo de serviço abnegado aos seus respectivos países. Para trabalharem em conjunto, as SOF devem estabelecer estruturas de cooperação e construir redes profissionais que lhes permitam treinar em conjunto. Os líderes das SOF africanas também estão a trabalhar no desenvolvimento de uma doutrina comum que reflita a geografia, as culturas e os desafios de segurança únicos do continente.

Os operadores de hoje compreendem a importância de dominar a tecnologia. Os grupos terroristas estão a utilizar drones para lançar ataques e IA para espalhar informações falsas e perturbar sistemas informáticos. Mas a tecnologia também pode ser utilizada para defender o público. Os jovens operadores das SOF sentem-se à vontade a utilizar ferramentas de alta tecnologia, e cabe aos líderes das SOF encorajá-los a serem inovadores e a manterem-se à frente dos seus adversários.

Os líderes das SOF também reconhecem a necessidade de apoiar as pessoas que executam estas missões difíceis. Desenvolver o capital humano significa garantir que os recrutas das SOF cumprem os mais elevados padrões de excelência, através de uma selecção rigorosa, formação exigente e aprendizagem ao longo da carreira. À medida que as ameaças e a doutrina mudam, o pessoal das SOF deve manter elevados padrões de ética e profissionalismo. Investir em capital humano significa também apoiar a saúde e o bem-estar do combatente fora do campo de batalha.

É evidente que os grupos terroristas não respeitam fronteiras e não atribuem qualquer valor à vida humana. Através de ataques assimétricos, estão determinados a sabotar o progresso económico e democrático alcançado pelos países africanos. As SOF são uma das melhores defesas contra estas ameaças. Chegou a hora de formar uma comunidade de SOF que abranja todo o continente e trabalhe em conjunto para o proteger.

Equipa do Comando Africano dos Estados Unidos

Um membro do 93.º Batalhão de Forças Especiais da Tanzânia recolhe a corda após uma descida rápida de um helicóptero em Tanga.

SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTAL/
FORÇA AÉREA DOS EUA



Operações Especiais

Volume 19, 2.º Trimestre

COMANDO AFRICANO
DOS ESTADOS UNIDOS



CONTACTOS:

U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Unit 29951
APO-AE 09751 USA

ADF.Editor@ADF-Magazine.com

HEADQUARTERS U.S. AFRICA COMMAND

Attn: J3/Africa Defense Forum
Geb 3315, Zimmer 53
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional que serve como um fórum internacional para militares e especialistas em segurança em África. As opiniões expressas nesta revista não representam necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando ou de qualquer outra agência governamental dos EUA. Certos artigos são escritos pela equipa da ADF, e os créditos para outros conteúdos são anotados conforme necessário.

A Segurança 'É um Dever Nacional de Todos'



O Presidente do Gana, John Dramani Mahama, nomeou cadetes oficiais para as Forças Armadas do Gana durante uma cerimónia realizada a 30 de Janeiro de 2026 na Praça Ranger Baba Parade, no Quartel Whistler, em Teshie, Acra. As suas observações foram editadas por motivos de espaço e clareza.



O ambiente de segurança na nossa sub-região continua complicado e volátil. O extremismo violento,

o terrorismo e o crime transnacional continuam a representar sérias ameaças, particularmente ao longo da nossa fronteira norte.

A nível global, a ascensão de actores não estatais e da guerra assimétrica remodelou a natureza dos desafios de segurança. Estas realidades exigem uma resposta nacional abrangente e coordenada. A segurança não pode ser vista como uma responsabilidade exclusiva das forças armadas e das agências de segurança. É um dever nacional de todos. Os cidadãos, as comunidades, as autoridades tradicionais, a sociedade civil e o governo devem trabalhar em conjunto para proteger a paz e a estabilidade que todos prezamos.

Exorto, portanto, todos os ganeses a permanecerem vigilantes e conscientes da segurança na salvaguarda da paz.

Ao celebrarmos os nossos cadetes finalistas, fazemo-lo tendo como pano de fundo o orgulhoso legado do Gana em operações internacionais de apoio à paz desde 1960, quando o Gana participou pela primeira vez numa missão das Nações Unidas na República do Congo. A nossa nação tem-se mantido firme no seu compromisso com a paz e a segurança globais.

Hoje, o Gana está entre os principais

países contribuintes de tropas para as missões de manutenção da paz da ONU. Os nossos homens e mulheres servem com distinção em 15 missões em todo o mundo sob a égide da ONU, da União Africana e da CEDEAO [Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental].

Do Líbano ao Sudão do Sul e de Abyei à Somália, os soldados de paz ganeses continuam a conquistar o respeito global pelo seu profissionalismo, disciplina e respeito pela dignidade humana.

Asseguro-vos que a transparência, a equidade e o mérito continuarão a orientar a selecção de pessoal para operações de apoio à paz, garantindo que apenas os mais qualificados representem a nossa nação no estrangeiro.

A exposição a ambientes de conflito reforçou o profundo respeito das Forças Armadas do Gana pelo Estado de direito e pela governação democrática. Numa sub-região confrontada com mudanças institucionais de governo, as nossas forças armadas continuam a ser firmes defensoras da nossa democracia, da auto-riedade civil e do Estado de direito.

Aos nossos futuros oficiais, o vosso dever vai além da prontidão para o combate. Vocês são guardiões da paz, da justiça e da unidade nacional. Sirvam com coragem, humildade e profissionalismo.

O reforço da prontidão operacional das Forças Armadas do Gana continua a ser a prioridade número um da minha

Soldados ganeses participam num exercício de demonstração de força em Acra, no dia 11 de Dezembro de 2025. REUTERS

administração. Estamos a investir em equipamento moderno, formação avançada e melhorias no bem-estar para responder eficazmente ao terrorismo, à pirataria e ao crime transfronteiriço. Os planos para adquirir novos helicópteros para melhorar a mobilidade aérea da nossa Força Aérea e as capacidades de resposta rápida.

Nos próximos três anos, serão recrutados aproximadamente 12.000 novos efectivos em todo o país, apoiados pela criação de bases operacionais avançadas em áreas fronteiriças estratégicas. Estas iniciativas reflectem o nosso compromisso inabalável com forças armadas profissionais, resilientes e bem equipadas.

Cadetes finalistas, o dia de hoje marca um momento decisivo nas vossas vidas. Dentro de momentos, deixarão de ser cadetes, passando a ser oficiais das Forças Armadas do Gana. A liderança não tem a ver com patentes ou privilégios. Tem a ver com responsabilidade, serviço e sacrifício.

Exorto-vos a liderar com integridade, a manter a coragem na adversidade, demonstrem compaixão no comando, inspirem lealdade entre os vossos homens, imponham respeito e honrem as tradições das Forças Armadas do Gana.

‘Operação Screen’ Protege Fronteiras da África Ocidental e Captura Terroristas

Agentes da polícia
inspeccionam
embarcações no
estuário do Rio Gâmbia,
perto do Porto de Banjul.
INTERPOL

EQUIPA DA ADF

Uma operação de segurança fronteiriça coordenada pela Interpol na África Ocidental resultou em 62 detenções e na apreensão de munições, explosivos, armas de fogo, drogas, medicamentos falsificados e veículos roubados.

A Operação Screen África Ocidental 2025, que decorreu de Julho a Outubro de 2025, reuniu agências de aplicação da lei de 12 países da África Ocidental para reforçar a segurança fronteiriça, localizar pessoas com ligações ao terrorismo e dismantlar redes de crime organizado transnacional.

Nas fronteiras terrestres, aéreas e marítimas, os agentes utilizaram dispositivos móveis da Interpol e outros sistemas para aceder a bases de dados globais e realizar 1,7 milhões de verificações em tempo real.

Durante a operação, os agentes detiveram nove pessoas suspeitas de terem ligações ao terrorismo. Entre os seus sucessos mais notáveis contam-se as detenções, no Burquina Faso, de duas pessoas procuradas pelas autoridades policiais que estiveram envolvidas em ataques perpetrados pelo grupo terrorista Jama'at Nusrat al-Islam

wal-Muslimin, afiliado à al-Qaeda. Os ataques causaram a morte de mais de 10 agentes de segurança na Costa do Marfim em 2020.

No Burquina Faso, os agentes detiveram também uma terceira pessoa com ligações ao terrorismo.

Cyril Gout, director-executivo interino dos serviços policiais da Interpol, afirmou: “Estes casos destacam como o apoio operacional que oferecemos aos países-membros e as nossas ferramentas especializadas únicas podem estabelecer ligações que identificam suspeitos de terrorismo e frustram as suas tentativas de criar medo e pôr em perigo as comunidades. Estamos determinados a combater estas ameaças e a trabalhar constantemente com os nossos países-membros para reforçar a segurança global.”

No Gana, os agentes também libertaram 21 vítimas de tráfico de seres humanos que estavam detidas na Nigéria.

A operação incluiu controlos em portos e em águas territoriais. A Interpol alertou os países participantes sobre embarcações que utilizam práticas de navegação enganosas, tais como a falsificação de identidade; as chamadas “operações obscuras,” nas quais os navios desligam deliberadamente os seus sistemas de identificação; e mudanças frequentes de bandeira, ou “flag hopping.”

As autoridades apreenderam 17 esconderijos de armas e munições; explosivos, incluindo dinamite e detonadores; 136 veículos roubados; 731 quilogramas de cannabis; medicamentos falsificados, incluindo comprimidos analgésicos opióides de marcas falsificadas; e moeda falsa e documentos fraudulentos.

Os rendimentos de muitos destes produtos podem ser utilizados para financiar o terrorismo ou o crime organizado.

Os 12 países participantes foram Benin, Burquina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Libéria, Mauritânia, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo.

Agentes da polícia
verificam documentos
utilizando dispositivos
da Interpol. INTERPOL

Nigéria Apresenta Plano para Combater o Terrorismo Online

EQUIPA DA ADF

O Major-General Abubakar Adamu, nigeriano e aposentado, tornou-se o primeiro comandante do Comando de Guerra Cibernética do Exército em 2022 e ajudou o seu país a aproveitar a tecnologia para desenvolver as suas capacidades de inteligência digital, vigilância e reconhecimento (ISR).

Agora, defende a expansão da capacidade digital de ISR por toda a África. “A tecnologia é a força motriz do que estamos a fazer, seja em tempos de crise ou de paz,” disse num webinar realizado em Dezembro de 2025, organizado pelo Centro de Estudos de Segurança de África.

À medida que os terroristas continuam a inovar, a adaptar-se e a expandir-se, as forças de segurança africanas devem adoptar ferramentas digitais de ISR e expandir a capacidade para proteger civis e garantir a segurança do território. A inteligência de fonte aberta (OSINT), a monitorização em tempo real das redes sociais e outras ferramentas digitais ajudam os governos e as forças armadas a manterem-se à frente dos terroristas.

Ahmed Labaran, do Serviço Aduaneiro da Nigéria, escreveu sobre como a combinação de inteligência geoespacial (GEOINT) e OSINT é extremamente promissora para as forças policiais.

“Um novo paradigma de conhecimento, quase uma disciplina em si mesma, a GEOINT combina imagens de satélite, sistemas de

informação geográfica, teledetecção, dados de posicionamento e análises para fornecer uma representação visual de características geográficas, actividades e mudanças ao longo do tempo,” escreveu na edição de Outubro de 2025 da revista trimestral da Organização Mundial das Alfândegas.

Os especialistas elogiam as Forças Armadas da Nigéria (AFN) por oferecerem um modelo eficaz a outros países africanos que procuram criar instituições que possam melhorar os esforços de combate ao terrorismo online. As AFN também criaram a Administração Espacial de Defesa em 2016 para desenvolver e fornecer capacidades espaciais e cibernéticas.

Adamu reconheceu que ainda existem desafios. “A maioria dos produtos que obtemos vem de fora,” disse. “Precisamos de colaborar muito, tanto dentro como fora de África. Por isso, precisamos de construir a nossa infra-estrutura e também desenvolver muita capacidade, e, além disso, devemos ter uma gestão fiável da cadeia de abastecimento.”

Os actores não estatais utilizam estas mesmas tecnologias, pelo que Adamu recomenda que as nações incorporem ferramentas modernas de ISR para melhorar a consciência situacional, a tomada de decisões e a eficácia operacional.

“Os governos africanos devem priorizar a harmonização das políticas relacionadas com ISR, particularmente aquelas aplicadas nas cadeias de abastecimento e na gestão de dados,” disse. “Os países que investirem em soluções tecnológicas que possam ser usadas na colaboração regional serão de grande ajuda.”

Comandantes das Forças Terrestres Pregam a Auto-Suficiência

EQUIPA DA ADF

A segurança colectiva foi o foco do Simpósio dos Comandantes das Forças Terrestres em Kigali, Ruanda, onde líderes militares africanos se reuniram para desenvolver e aprimorar soluções para um panorama de ameaças em rápida evolução.

Comandantes de Argélia, Benin, Burquina Faso, Burundi, Chade, Gâmbia, Guiné, Quênia, Malawi, Mauritânia, Marrocos, República do Congo, Ruanda, Senegal, Somália, Sudão do Sul e Uganda estavam entre os líderes militares de 28 países africanos que participaram nos dias 21 e 22 de Outubro de 2025.

O Brigadeiro-General Ronald Rwivanga, porta-voz das Forças de Defesa do Ruanda, disse que a colaboração reforça as capacidades e promove a aprendizagem. A interoperabilidade entre os exércitos nacionais ajuda a superar os desafios de coordenação.

“Isto começa por garantir a interoperabilidade em tempo de paz, através de estruturas de comando, doutrinas, procedimentos operacionais padrão e comunicação harmonizados,” afirmou. “Por vezes, é necessário que menos nações trabalhem em conjunto para responder rapidamente. Depois de termos trazido a paz, as Nações Unidas podem intervir com as suas operações e recursos de apoio à paz. Ambas as abordagens podem complementar-se.”

Os painéis de discussão abordaram os desafios



operacionais para as forças terrestres numa nova era de guerra com drones, formas de melhorar a interoperabilidade e a diplomacia militar, e como promover a cooperação civil-militar.

“Assim como se gasta com armas, também se deve gastar com o bem-estar social para conquistar a confiança da população local,” apelou Rwivanga. “É inútil operar apenas com a abordagem militar.”

O Ministro da Defesa do Ruanda, Juvenal Marizamunda, instou os líderes africanos a assumirem a responsabilidade e a reforçarem a cooperação na resposta aos complexos desafios de segurança que impedem o desenvolvimento.

“Operamos num ambiente cada vez mais complexo e imprevisível, marcado por conflitos assimétricos, ameaças transnacionais e crises que exigem acções decisivas,” recordou. “Em tempos como estes, o papel vital das forças terrestres não pode ser subestimado. São os primeiros a responder em tempos de crise, a força estabilizadora durante a agitação e a base sobre a qual a paz é reconstruída.”



O 93.º Batalhão de Forças Especiais da Tanzânia participa num exercício de combate de corpo a corpo, reforçando a prontidão operacional e as competências dos soldados, durante o Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado, em Dar es Salaam, na Tanzânia. SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTERAL/FORÇA AÉREA DOS EUA

RÁPIDOS, LETAIS E INTERLIGADOS

Líderes das SOF Procuram Formas de Melhorar a Interoperabilidade no Silent Warrior 25

EQUIPA DA ADF

POR necessidade, as forças de operações especiais são secretas e operam em unidades pequenas e ágeis. As suas missões são de alto risco e, se a sua presença for conhecida, provavelmente fizeram algo de errado.

Mas há um reconhecimento crescente de que as forças de operações especiais (SOF) africanas precisam de se interligar. As ameaças transfronteiriças exigem que os operadores partilhem informações e coordenem esforços. Operar sozinho já não é uma opção, dizem os especialistas. As SOF precisam de formar uma comunidade.

Durante o Silent Warrior 2025, a principal conferência das SOF de África, reuniram-se 400 participantes de 32 países africanos e 14 parceiros internacionais. Um lema repetido na conferência de Nairobi foi: “A sua rede de contactos é o seu património líquido.”

Para muitos, construir essa rede das SOF que colmata lacunas e derruba barreiras à cooperação foi a razão do evento.

“Os adversários estão a evoluir, e as nossas forças têm de evoluir mais rapidamente,” o General John Kinyua Njeru, comandante do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia, disse aos líderes das SOF. “Embora as capacidades sejam importantes, a confiança, a interoperabilidade e a liderança profissional continuam a ser os factores decisivos ao definir a forma como as SOF africanas respondem a estas ameaças.”

Os participantes não tiveram de ir longe para observar os perigos de um continente dividido. O Burquina



Participantes do Burquina Faso, dos Estados Unidos e do Gana conversam no Silent Warrior 25, em Nairobi. O simpósio incentivou os líderes das forças de operações especiais a reunirem-se e a trocarem informações. SEGUNDO SARGENTO TRENTON JANCZE/FORÇA AÉREA DOS EUA

Faso, o Mali e o Níger abandonaram a Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental e formaram a Aliança dos Estados do Sahel. O resultado é uma menor partilha de informações, menos coordenação e a ausência de mecanismos como o direito de perseguição, que permite às unidades das Forças de Operações Especiais seguir terroristas para além das fronteiras.

Os especialistas afirmam que os terroristas prosperam neste ambiente fragmentado. Os países do Sahel são agora responsáveis por mais da metade dos ataques terroristas a nível mundial.

“OS NOSSOS ADVERSÁRIOS ATRAVESSAM FRONTEIRAS, POR ISSO, AS NOSSAS PARCERIAS DEVEM FAZER O MESMO.”

~ Major-General Peter Muteti, vice-comandante da Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália

**“ÁFRICA NÃO PRECISA DE COPIAR
E COLAR OS MODELOS DAS SOF
OCIDENTAIS. O QUE PRECISA É
DE UMA ABORDAGEM AFRICANA
ÀS OPERAÇÕES ESPECIAIS —
ENRAIZADA NAS REALIDADES
LOCAIS, CONSTRUÍDA COM BASE NA
CONFIANÇA E IMPULSIONADA PELA
CLAREZA DA MISSÃO.”**

~ Dr Alex Cann, planeador militar da Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália



Membros do 93.º Batalhão de Forças Especiais da Tanzânia realizam exercícios de combate corpo a corpo durante o Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado em Dar es Salaam.

SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTERAL/FORÇA AÉREA DOS EUA



Soldados preparam-se para descer de rapel de um telhado durante uma incursão simulada como parte do Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado, em Tanga, na Tanzânia. SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTERAL/FORÇA AÉREA DOS EUA

“Vemos que esta falta de coordenação está a prejudicar a eficácia da luta contra o terrorismo,” o Dr. Adal Rhoubaid, antigo conselheiro de segurança do presidente do Níger, disse à ADF. “Cada lado torna-se um refúgio para grupos terroristas e, a nível militar, devido aos desacordos políticos, não se vê a coordenação que costumávamos ter. E a coordenação é o primeiro passo antes de sequer podermos pensar em interoperabilidade.”

Durante o Silent Warrior, os participantes discutiram formas de melhorar a interoperabilidade, incluindo intercâmbios de oficiais de ligação, patrulhas conjuntas, mecanismos de partilha de informações e o reforço das estruturas regionais.

“Os nossos adversários atravessam fronteiras, por isso, as nossas parcerias devem fazer o mesmo,” disse o Major-General Peter Muteti, comandante-adjunto da Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália.

HARMONIZAÇÃO DA DOCTRINA

As unidades e capacidades das Forças Especiais (SOF) podem variar muito de país para país. As estruturas das SOF surgem tipicamente da história colonial e são concebidas para responder a ameaças mais prementes de uma nação. No Egito, por exemplo, as SOF têm experiência em combate ao terrorismo e resgate de reféns. No Chade, as SOF são conhecidas pela sua rapidez e capacidade de conduzir guerra no deserto. Nações



Participantes do Silent Warrior 25 reúnem-se numa sessão de trabalho em grupo. SEGUNDO SARGENTO TRENTON JANCZE/FORÇA AÉREA DOS EUA

costeiras, como a Nigéria e o Gana, desenvolveram unidades marítimas capazes de abordar embarcações e operar em mangais difíceis.

Alguns países têm unidades do tamanho de uma brigada que podem exercer uma força significativa contra um inimigo, mas enfrentam dificuldades em termos de velocidade e discrição. Outros têm unidades especializadas mais pequenas. Existem diferenças significativas na linguagem, na doutrina e no equipamento.

“Não temos SOP [procedimentos operacionais padrão] semelhantes, não temos TTP [táticas, técnicas e procedimentos] semelhantes; portanto, mesmo quando estamos juntos no teatro de operações, verificamos

PILARES DE UMA DOUTRINA DAS FORÇAS ESPECIAIS AFRICANAS

O planeador e formador militar Dr. Alex Cann acredita que África precisa da sua própria doutrina das Forças Especiais. Ele propõe cinco pilares a considerar:



Seleção e formação: as SOF devem ter padrões consistentemente elevados de aptidão física, determinação psicológica e ética.



Integração interagências: as SOF devem trabalhar em perfeita sintonia com a polícia, os serviços de informação e o controlo de fronteiras.



Autonomia estratégica: as unidades das SOF devem ter capacidade de mobilização rápida e estruturas de comando descentralizadas.



Legitimidade local: para conquistar a confiança dos civis, as tropas das SOF devem ter consciência cultural e competência linguística.



Colaboração continental: centros de formação, tais como as academias das SOF apoiadas pela União Africana ou pelas comunidades económicas regionais, podem promover a interoperabilidade.

que a operação é desarticulada, porque as tropas não têm uma doutrina comum que partilhem,” afirmou o Coronel Charles Mugo, comandante-adjunto do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia.

O planeador militar, Dr. Alex Cann, que serviu na Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália, escreveu que existem alguns pontos em comum, apesar da variedade de desafios de segurança africanos. Muitos países enfrentam adversários como bandidos, terroristas e traficantes que empregam táticas assimétricas em zonas geográficas desafiantes. Isso requer uma abordagem africana às SOF que priorize a rapidez e promova a confiança das comunidades locais.

“África não precisa de copiar e colar os modelos das SOF ocidentais,” escreveu Cann. “O que precisa é de uma abordagem africana às operações especiais — enraizada nas realidades locais, construída com base na confiança e impulsionada pela clareza da missão.”

Cann apontou para Moçambique, onde uma força ruandesa relativamente pequena recuperou território dos terroristas e superou forças maiores. Em muitos países africanos, escreveu, unidades pequenas e ágeis são as mais eficazes.

“Por vezes, basta uma dezena de guerreiros bem treinados para impedir uma guerra antes que ela comece,” escreveu Cann.

MODELOS DE INTEROPERABILIDADE

Alguns participantes do Silent Warrior identificaram formas de melhorar a interoperabilidade.

O Brigadeiro Gaboratanelwe Tshweneetsile, director de operações especiais do Botswana, disse que, uma vez que as unidades das SOF podem ser destacadas para terrenos e culturas civis e militares com os quais

não estão familiarizadas, seria útil ter centros regionais de excelência onde possam aprender com antecedência.

“O que defendo são centros de excelência em diferentes regiões para que possamos operar juntos como uma força comum,” Tshweneetsile disse à ADF. “Se for guerra no deserto, pode ir a um país especializado em combate no deserto. Se for guerra na selva, pode-se ir a um país que tenha selvas; por isso, penso que estas especializações se estendem por todo o continente.”

Outros apontaram para a Força Africana em Estado de Alerta da UA, que inclui mecanismos de resposta rápida a crises, mas não inclui uma componente dedicada às SOF. Se houvesse uma unidade regional permanente de SOF, esta poderia ser destacada para crises de forma rápida e eficaz.

O Major-General Mohamed Ali Barise, do Exército Nacional da Somália, reconheceu a necessidade de capacidade adicional de SOF no seu país natal. As forças especiais de elite Danab, da Somália, libertaram cidades do al-Shabaab, mas a sua dimensão relativamente pequena — 2.000 soldados — significa que têm dificuldade em manter o controlo do território.

Uma unidade de SOF alinhada regionalmente dentro da estrutura da Força em Estado de Alerta pode ser um trunfo importante em situações como esta. Também apoiaria o projecto mais amplo de interoperabilidade das SOF.

“As SOF são um facilitador,” Barise disse à ADF. “Utilizar forças especiais de diferentes países como facilitadoras para os elementos de combate no terreno seria algo louvável.”

Um modelo possível para a integração das SOF em África vem da NATO, onde o Comando das Forças de Operações Especiais Aliadas (SOFCOM) dirige, sincroniza e viabiliza as actividades das SOF em 28



Soldados do 93.º Batalhão de Forças Especiais da Tanzânia avançam durante o Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado, em Dar es Salaam. SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTERAL/FORÇA AÉREA DOS EUA



Os painelistas do Silent Warrior 2025 apresentam as melhores práticas em desenvolvimento de liderança durante uma sessão em Nairobi, no dia 9 de Dezembro de 2025.

SEGUNDO SARGENTO TRENTON JANCZE/FORÇA AÉREA DOS EUA

países-membros e duas nações parceiras da aliança. A Universidade de Operações Especiais da NATO, na Base Aérea de Chièvres, na Bélgica, oferece formação e educação para desenvolver as capacidades, a competência e a interoperabilidade das SOF.

A ideia é que, quando chamadas, as unidades das SOF da NATO possam falar a mesma língua no campo de batalha e estejam prontas para trabalhar em conjunto.

“Este esforço promove o desenvolvimento de relações e estruturas das SOF capazes, realistas e orientadas

geograficamente para produzir efeitos em tempos de paz, crise e conflito,” o SOFCOM disse no seu site.

Para os líderes das SOF presentes no Silent Warrior, a reunião anual é um primeiro passo para a criação de estruturas continentais semelhantes. E, segundo eles, tudo começa com a construção de relações.

“O facto de nos estarmos a reunir como SOF faz a diferença,” disse Tshweneetsile, do Botswana. “Fazemos amizades, fazemos contactos e sabemos o que os outros podem fazer e são capazes de fazer. Vamos operar juntos no futuro, por isso, precisamos de saber quais são as táticas e os procedimentos em todo o continente.”

Outros afirmaram que regressariam a casa com novos conhecimentos sobre a mais recente tecnologia das SOF e sobre o que está a ser feito noutras partes do continente. Mas, segundo eles, o verdadeiro trabalho começa após o término da conferência, quando os participantes têm de desenvolver as relações estabelecidas no Silent Warrior.

“Já falámos; é hora de passar à parte prática,” o Coronel BI Amajuoyi, vice-chefe de Estado-Maior do Comando das Forças Especiais da Nigéria, disse à ADF. “Podemos levar estas palestras e estas discussões connosco e pô-las em prática.” □



‘ESTEJAMOS SEMPRE DOIS PASSOS

À FRENTE DA AMEAÇA’



Soldados quenianos praticam manobras táticas durante o Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado, liderado pelos EUA, em Isiolo.

SEGUNDO SARGENTO ALYSIA BLAKE/FORÇA AÉREA DOS EUA

Uma Entrevista com o Brigadeiro John Kinyua Njeru, Comandante do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia



Njeru profere o discurso de abertura durante o Silent Warrior 2025 em Nairobi.

SEGUNDO SARGENTO TRENTON JANCZE/FORÇA AÉREA DOS EUA

O Brigadeiro John Kinyua Njeru exerce funções como comandante do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia (KENSOF) desde 2021. Iniciou a sua carreira em 1990 e desempenhou várias funções nas Forças de Defesa do Quênia (KDF), incluindo comandante da Brigada de Operações Especiais do Exército, comandante do Regimento de Rangers, comandante das Forças Especiais e oficial comandante do 30.º Batalhão das Forças Especiais. Serviu em missões de manutenção da paz no Darfur e na

Serra Leoa. É mestre pelo Colégio Nacional de Defesa, na Tanzânia, e concluiu uma série de formações a nível nacional e internacional, incluindo o Curso Internacional de Forças Especiais nos Estados Unidos. Foi condecorado com a Ordem da Lança Ardente, a Ordem do Grande Guerreiro e várias medalhas das Nações Unidas. A ADF entrevistou-o durante a conferência Silent Warrior em Nairobi, e ele forneceu respostas por escrito às perguntas. A entrevista foi editada por questões de espaço e clareza.

ADF: *Pode partilhar um pouco sobre a sua carreira? O que o levou a querer servir o seu país nas forças armadas e quais foram um ou dois cargos-chave que ocupou durante a sua carreira?*

Njeru: A minha jornada nas forças armadas começou com uma motivação muito simples: um profundo desejo de servir o Quênia de uma forma significativa e disciplinada. Enquanto crescia, fui inspirado pelo profissionalismo e sacrifício das nossas forças armadas, e soube desde cedo que queria fazer parte dessa tradição.

A minha carreira estendeu-se por três décadas e permitiu-me desempenhar funções de comando, de Estado-Maior e operacionais que moldaram a minha visão estratégica. Uma missão formativa foi o tempo que passei integrado nas forças multinacionais na Serra Leoa e no Darfur. Essa experiência reforçou o valor das parcerias e a realidade de que as ameaças modernas não respeitam fronteiras.

Outro momento decisivo foi liderar formações e unidades em operações complexas no Quênia. Operar neste ambiente ensinou-me a importância da agilidade, da adaptabilidade e da acção orientada pela inteligência — princípios que continuam a guiar as KENSOF até hoje.

ADF: *O Silent Warrior é um evento único, com a participação de líderes das Forças Especiais de mais de 40 países africanos. Que tipo de intercâmbios e parcerias espera que ocorram num evento como este?*

Njeru: O Silent Warrior é um ponto de convergência para a experiência africana, a inovação e um objectivo comum. O programa deste ano reúne deliberadamente grupos regionais e discussões temáticas para reforçar a cooperação e a interoperabilidade. Num evento desta dimensão, existem três formas principais de intercâmbio:

- **Perspectivas operacionais:** as nações irão comparar abordagens à insurgência, estabilização e combate ao terrorismo — as lições são extraídas de missões reais, não da teoria.
- **Vias de interoperabilidade:** o Silent Warrior cria espaço para identificar onde as SOF africanas podem sincronizar a doutrina, as comunicações e o desenvolvimento de capacidades.
- **Parcerias estratégicas:** oferece uma plataforma diplomática através da qual as relações entre comandantes amadurecem para se tornarem quadros de cooperação estruturados.



Operadores das Forças Especiais do Quênia tomam posição no exterior de um complexo hoteleiro após um ataque terrorista no bairro de Westlands, em Nairobi, em 2019. AFP/GETTY IMAGES



Njeru discursa durante as comemorações do Dia das Forças Aerotransportadas, no Quartel Kenyatta, em Gilgil, Quênia, em Agosto de 2025. FORÇAS DE DEFESA DO QUÊNIA

Em última análise, a força do simpósio reside no facto de reconhecer a diversidade de África, mas centra-se no nosso destino comum em matéria de segurança.

ADF: *Como caracterizaria as parcerias das SOF na África Oriental? Existe colaboração e partilha de informações com os comandantes das SOF na região? Há margem para melhorias?*

Njeru: A África Oriental continua a ser um dos teatros de segurança mais dinâmicos e desafiantes do continente, e esta realidade sublinha a importância de parcerias mais fortes com as SOF. Embora as nações individuais continuem a enfrentar ameaças comuns, como o al-Shabaab e as redes criminosas transfronteiriças, existe um potencial

significativo para uma colaboração mais profunda, particularmente na partilha de informações, respostas coordenadas e formação conjunta.

A posição geográfica do Quênia — fazendo fronteira com cinco países — coloca-nos no centro da segurança regional. Vemos grande potencial na expansão da cooperação com os nossos homólogos de Somália, Etiópia, Uganda, Tanzânia e outros vizinhos, construindo um futuro em que o fluxo de informações seja mais fluido e onde as respostas operacionais possam reforçar-se mutuamente. A aspiração é avançar progressivamente para estruturas que apoiem o alerta precoce, o planeamento harmonizado e posturas de segurança fronteiriça mais coerentes.

Existe uma margem considerável para crescimento. A região beneficiaria de mecanismos mais fortes de fusão de informações em tempo real, sistemas de comunicações interoperáveis e interações trilaterais ou quadrilaterais mais regulares das SOF. Estas são áreas que estamos empenhados em fazer avançar através de um diálogo sustentado e da construção de confiança entre as nossas forças. Os nossos adversários estão em constante evolução, e a região deve evoluir com eles.



Njeru fala com os participantes do Silent Warrior, uma conferência anual multinacional sobre operações especiais.

AVIADOR SÊNIOR TYLER MCQUISTON/
FORÇA AÉREA DOS EUA

“O Silent Warrior é um ponto de convergência para a experiência africana, a inovação e o propósito comum.”

ADF: *Como é que a formação das SOF melhorou e evoluiu durante a sua carreira? A Escola de Formação de Operações Especiais (SOTS) do Quênia, em Gilgil, continua a expandir-se. Como pode o Quênia preparar a próxima geração de operadores para os desafios que irão enfrentar?*

Njeru: O nosso modelo de treino transformou-se significativamente. Quando entrei para as forças armadas, o treino das SOF era intenso, mas de âmbito mais restrito, abrangendo principalmente o Batalhão de Paraquedistas. Hoje, a SOTS de Gilgil é uma instituição moderna que reflecte as melhores práticas globais. Expandimos o nosso currículo para incluir guerra urbana, exploração de informações e planeamento avançado de missões. Isso está em consonância com a doutrina das SOF das KDF. Preparar a próxima geração exige que invistamos em três áreas:

- **Capital humano:** temos de zelar pelo bem-estar dos operadores e formar profissionais mentalmente ágeis e emocionalmente disciplinados. Estes operadores compreendem o terreno e o contexto político das missões.
- **Integração tecnológica:** os novos operadores devem treinar com as ferramentas que utilizarão nas operações, incluindo veículos aéreos não tripulados (VANT), sensores, cartografia digital e sistemas com inteligência artificial.
- **Formação conjunta e multinacional:** o futuro operador deve sentir-se à vontade para trabalhar em

perfeita sintonia com outras formações e unidades das KDF e com parceiros de todo o mundo.

Os nossos jovens operadores são talentosos. Como tal, a nossa responsabilidade é proporcionar-lhes a vantagem de treino de que necessitam para superar os adversários em termos de estratégia e manobras.

ADF: *Como é que a tecnologia está a ser utilizada pelas Forças Especiais para obter uma vantagem tática sobre os adversários? Já viu resultados decorrentes da utilização de VANT ou de outra tecnologia?*

Njeru: A tecnologia tornou-se um facilitador decisivo. Nas KENSOF, já não vemos a tecnologia como um acessório; faz parte do equipamento essencial do operador. Os VANT, sensores terrestres, óptica avançada, comunicações de precisão e ferramentas geoespaciais estão agora integrados no planeamento e na execução das missões.

Os VANT têm proporcionado:

- Inteligência militar, vigilância e reconhecimento contínuos, mesmo em terrenos de difícil acesso a pé.
- Alerta precoce contra movimentos hostis.
- Maior precisão na identificação de alvos, reduzindo o risco colateral.
- Apoio às equipas terrestres durante combates corpo a corpo.

Para além dos VANT, a conectividade digital melhora os nossos sistemas de comando e controlo, permitindo aos comandantes tomar decisões mais rápidas e informadas.

Njeru discursa durante o Silent Warrior, uma conferência anual sobre operações especiais.

SEGUNDO SARGENTO SABATINO DIMASCIO/FORÇA AÉREA DOS EUA



Um membro do Esquadrão de Operações Especiais da Marinha do Quênia dá ordens de disparo durante um exercício com metralhadoras em Mombaça.

SEGUNDO SARGENTO SABATINO DIMASCIO/FORÇA AÉREA DOS EUA

A tecnologia dá-nos a capacidade de ver primeiro, compreender primeiro e agir primeiro, e isso é decisivo nas operações especiais.

ADF: *A ameaça ao longo da fronteira norte e os esforços do al-Shabaab para se infiltrar e atacar alvos no interior do Quênia têm sido um desafio constante. Pode descrever o progresso nesta luta e o papel que as KENSOF estão a desempenhar na derrota do al-Shabaab?*

Njeru: O al-Shabaab continua a ser um adversário adaptável e persistente. No entanto, o Quênia tem feito progressos significativos na desorganização das suas redes, impedindo a liberdade de movimentos e protegendo as comunidades locais.

As KENSOF desempenham um papel fundamental neste esforço ao:

- Conduzir operações baseadas em informações de inteligência contra alvos de alto valor.
- Apoiar operações de segurança nas fronteiras em colaboração com outras formações das Forças de Defesa do Quênia (KDF), a polícia, os serviços de inteligência e parceiros internacionais.
- Executar missões de precisão que interrompam ataques planeados antes que se concretizem.
- Trabalhar em estreita colaboração com as comunidades para reforçar a resiliência nos condados fronteiriços e conquistar os corações e as mentes da população local.

O nosso sucesso assenta na disciplina, na consistência e na forte integração entre as SOF, as agências de inteligência, os líderes locais e os parceiros internacionais. Embora a ameaça persista, a capacidade das forças quenianas, particularmente das SOF, continua a superar a capacidade do inimigo de se regenerar. Estamos determinados, pacientes e inabaláveis nesta missão.

Forças Especiais do Quênia
recolhem provas no local de
uma explosão em Nairobi.

AFP/GETTY IMAGES

“O nosso sucesso assenta na disciplina, na consistência e na forte integração entre as SOF, as agências de inteligência, a liderança local e os parceiros internacionais.”

ADF: As Forças Especiais do Quênia surgiram nas últimas três décadas. Pode explicar como é que esta especialidade cresceu e se desenvolveu ao longo desse tempo?

Njeru: A evolução da capacidade das SOF do Quênia é uma das transformações militares mais significativas dos últimos 30 anos. Começámos com pequenas unidades especializadas a responder a ameaças assimétricas emergentes. Hoje, temos um Comando de Forças de Operações Especiais integrado, com uma doutrina madura, equipamento moderno e unidades testadas em missão.

Ao longo do tempo, vários desenvolvimentos moldaram o nosso crescimento, incluindo:

- Profissionalização da selecção e do treino para formar operadores de elite.
- Institucionalização da doutrina para garantir que as funções das SOF sejam claramente definidas dentro da arquitectura de defesa nacional.
- Maior interoperabilidade com os serviços das KDF (Exército, Força Aérea e Marinha), agências de inteligência e parceiros internacionais.
- Experiência operacional, que aperfeiçoou as nossas táticas, técnicas e procedimentos.

Ainda somos uma força jovem em termos globais, mas crescemos com um objectivo e com uma direcção estratégica clara.

ADF: Qual é o próximo passo no desenvolvimento das SOF no Quênia? De que forma pretendem melhorar?

Njeru: O próximo capítulo das SOF no Quênia consiste em aprofundar a cooperação entre as forças, promover a mentoria, acelerar a modernização e preparar-se para ameaças futuras que serão mais complexas, híbridas e tecnologicamente avançadas.

Para atingir estes objectivos, queremos melhorar a fusão de informações de inteligência para construir um ecossistema de inteligência das SOF sem descontinuidades que encurte o ciclo de decisão. Precisamos de avançar na adopção de tecnologia para integrar sistemas com inteligência artificial, plataformas autónomas e capacidades melhoradas de apoio cibernético. Temos de reforçar as parcerias regionais. O Silent Warrior e plataformas semelhantes são exemplos que mostram que o futuro da segurança em África será cooperativo, não isolado. Por fim, devemos investir no desenvolvimento do capital humano. Isso irá gerar liderança, resiliência mental e as competências especiais necessárias para os domínios emergentes.

O princípio orientador é simples: as SOF devem estar sempre dois passos à frente da ameaça. O nosso plano de desenvolvimento garante que continuamos ágeis, letais e estrategicamente relevantes, tanto para o Quênia como para a região em geral. □



ADAPTANDO-SE AO CAMPO DE BATALHA TECNOLÓGICO

As Forças de Operações Especiais Procuram Inovar, Aprender e Evoluir num Ambiente em Rápida Mudança

EQUIPA DA ADF

Quando se trata de comunicar no campo de batalha, as forças de operações especiais, muitas vezes, recorrem a rádios de alta frequência.

Mas as Forças de Defesa do Quênia (KDF) descobriram que tinham um problema com esta ferramenta vital. Ao longo dos anos, o Quênia adquiriu dispositivos de vários fabricantes, como a Motorola, a Hytera e a Harris. Estes rádios eram eficazes, mas não eram interoperáveis. Utilizam encriptação diferente, operam em comprimentos de onda diferentes e em frequências diferentes.

Felizmente, as KDF contam com o seu próprio laboratório de soluções. O Centro de Manutenção e Inovação de Sistemas de Comunicação e Informação (CISMIC), criado em 2021, desenvolve e repara equipamento electrónico e software para as forças armadas. Foi encarregado de resolver o problema.

“O objectivo aqui é garantir que as nossas tropas no terreno estejam seguras,” o Coronel Stephen Kinyanjui, director do CISMIC, disse à ADF. “Para que qualquer comunicação entre elas não seja interceptada por um adversário e não acabemos por ter baixas por estarmos a comunicar de forma insegura.”

A solução que desenvolveram é conhecida como “Gate Bridge.” A ferramenta pode receber o sinal de um dispositivo, encriptá-lo e enviá-lo para o dispositivo seguinte de forma protegida e compatível. Os técnicos das KDF conceberam

e construíram a ferramenta, utilizando peças disponíveis localmente e a sua própria propriedade intelectual.

Kinyanjui afirmou que era importante para as KDF encontrar uma solução desenvolvida internamente, para que o Quênia não precisasse de depender de doadores e fabricantes externos.

“Quando o fazemos nós próprios, o apoio e a manutenção tornam-se parte integrante do nosso trabalho, formamos as nossas próprias equipas e garantimos a sustentabilidade da solução,” afirmou.

O Quênia está a seguir este modelo à medida que desenvolve mais tecnologia para proteger as tropas no campo de batalha. Os técnicos militares estão a testar dispositivos anti-DEI, sistemas de satélite e tecnologia para melhorar a segurança alimentar. O princípio da auto-suficiência continua a ser central, segundo Kinyanjui.



Membros do 93.º Batalhão de Forças Especiais da Tanzânia treinam para combates corpo a corpo.

SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTERAL/FORÇA AÉREA DOS EUA

“Quando se mantém a propriedade intelectual, torna-se barato,” afirmou. “O conhecimento pode até estar disponível em código aberto, por isso, cabe a vocês ir buscá-lo, trabalhar nele, aperfeiçoá-lo e depois distribuí-lo às tropas. Dessa forma, conseguimos sustentar a solução.”

Em todos os ramos militares, e particularmente nas forças de operações especiais (SOF), a tecnologia está a oferecer novas possibilidades e a apresentar novos desafios. Os operadores debatem-se com a questão de como se podem adaptar da melhor forma para defender as suas nações neste panorama em rápida mudança. Eles estudam como as mudanças afectarão a sua missão ou encorajarão os seus inimigos.



Um soldado ganês demonstra técnicas de descolagem de drones durante o exercício militar Leão Africano 2025 em Tamale, Gana. SARGENTO WILLIAM CHINA/RESERVA DO EXÉRCITO DOS EUA

“Há uma melhoria tecnológica de que precisamos para podermos enfrentar a ameaça dos terroristas que já estão a usar essa tecnologia,” o Coronel Jerome Francis Nko’o Ella, comandante da Operação Bataillon d’Intervention Rapide Alpha dos Camarões, disse à ADF. “Temos de recuperar o atraso, para colmatar a lacuna.”

AS INCUBADORAS DE INOVAÇÃO

Os operadores das SOF, muitas vezes, estão entre os primeiros a adoptar novas tecnologias. Como tendem a trabalhar em pequenas unidades em missões de alto risco e longe das estruturas de comando centrais, precisam de ferramentas que lhes dêem uma vantagem.

As unidades das SOF destacadas na linha da frente têm um historial de testar tecnologia militar antes de esta ser distribuída ao conjunto

das forças, o que lhes valeu o nome de “incubadoras de inovação.” Um exemplo ocorreu em 1990, quando a tecnologia GPS foi utilizada pela primeira vez em combate durante a Operação Tempestade no Deserto. Isso permitiu aos operadores navegar atrás das linhas inimigas e realizar reconhecimento. Actualmente, a tecnologia GPS é onnipresente.

Os especialistas consideram as SOF a melhor opção para a prototipagem rápida pelas mesmas razões pelas quais são seleccionadas para missões de alto risco: “a sua maturidade, flexibilidade, processos de selecção rigorosos e potencial de tolerância ao risco,” Leo Blanken, Philip Swintek e Justin Davis escreveram para a War on the Rocks, uma plataforma de análise online.

A tecnologia está a mudar o mundo dos operadores das SOF de várias formas.

Os sistemas aéreos não tripulados (SANT) são utilizados para vigilância e identificação de alvos, fornecem alertas precoces de possíveis ataques e oferecem apoio aéreo a equipas terrestres em território hostil. Os operadores das SOF também estão na vanguarda dos testes de tecnologia antidrones, incluindo bloqueadores portáteis para contrariar ataques.

A inteligência artificial mostra-se promissora para uma variedade de utilizações. Pode ajudar os operadores a prever o que os adversários irão fazer. Pode ser integrada em sistemas legados para os tornar mais eficientes e auxiliar na tomada de decisões. Também pode ajudar os operadores a filtrar muitas informações de inteligência. Melhora a segurança ciber-

nética e a logística, antecipando falhas e pontos fracos antes que ocorra uma avaria.

As ferramentas de consciência situacional digital levam os operadores das SOF a testar tecnologia de utilização junto ao corpo que lhes permite identificar soldados aliados, mapear o terreno e localizar as posições inimigas. Alguns dispositivos oferecem realidade aumentada, que projecta informações num visor. Além disso, o tempo de entrega “do sensor ao soldado” está a acelerar, com dados adquiridos a partir de equipamentos como SANT e aeronaves tripuladas que podem ser acedidos quase instantaneamente.

Membros do Batalhão de Inteligência Militar das Forças de Defesa do Quênia configuram um sistema informático para controlar um drone.

SEGUNDO SARGENTO TIFFANY DENAULT/FORÇA AÉREA DOS EUA





Para Kinyanjui, uma cultura de inovação e flexibilidade é fundamental. Se as forças não se adaptarem, ficam vulneráveis.

“Acredito que, sem abraçar a tecnologia, ficaremos para trás,” afirmou. “Se continuarmos a utilizar métodos tradicionais, os próprios indivíduos ficarão expostos. Quando inovamos, procuramos uma forma melhor de manter as nossas tropas protegidas.”

DOUTRINA E FORMAÇÃO

À medida que novas tecnologias chegam ao campo de batalha, os especialistas acreditam que a doutrina e o treino devem acompanhar essa evolução. Os operadores das SOF já treinam com simulações avançadas que criam cenários com dados de missões reais e complexas. O treino das SOF incorpora competências cibernéticas; técnicas de inteligência, vigilância e reconhecimento; e SANT. Os especialistas afirmam que os comandantes devem acolher e capacitar jovens operadores com conhecimentos tecnológicos e dar prioridade ao recrutamento daqueles que possuem competências tecnológicas.

O vice-almirante aposentado dos EUA, Collin Green, da DZYNE Technologies, afirmou que os comandantes das SOF devem reconhecer que os jovens que sobem na hierarquia são “nativos digitais” que utilizam a tecnologia “como um quinto membro.”

“Não se sintam inseguros enquanto líderes; estejam dispostos a explorar o poço de talento local,” Green disse no simpósio Silent Warrior 25 das SOF, em Nairobi. “Incentive os jovens a serem criativos com soluções militares.”

Uma parte essencial disto é tornar a segurança cibernética e a sensibilização uma prioridade. As SOF precisam de manter-se à frente dos malfeitores que procuram infiltrar-se e causar perturbações. Grupos terroristas, organizações criminosas e piratas informáticos patrocinados pelo Estado têm como alvo o pessoal militar, os sistemas informáticos e o hardware. Na África do Sul, por exemplo, as agências militares e governamentais relatam uma média de 1.450 ataques cibernéticos por semana. Os sistemas de comando, controlo e comunicações; as cadeias de abastecimento; e até mesmo a tecnologia de armamento estão na mira dos piratas informáticos.

“A segurança cibernética deve começar, acima de tudo, pela defesa,” afirmou Green. “Sabe o que se encontra dentro das suas fronteiras, nas suas cadeias de abastecimento? Protege as suas táticas, técnicas e procedimentos? Trata-se, acima de tudo, de fortalecer-se antes de pensar

no que vai fazer na vertente ofensiva.”

Parte disto exigirá a actualização da doutrina. Kinyanjui defende processos escritos que definam como a tecnologia emergente deve ser utilizada e protegida. Este documento pode ser actualizado conforme necessário.

“É preciso incorporá-lo na doutrina; tem de ser documentado e integrado na vossa forma de operar,” afirmou Kinyanjui. “Se não o incorporarem nos vossos procedimentos e processos, pode ser utilizado por um grupo de forças especiais, mas quando se for embora, já não estará lá.”

TECNOLOGIA QUE ELEVA O COMBATENTE

À medida que a tecnologia desempenha um papel cada vez mais importante nas operações das SOF, alguns operadores referem-se a uma verdade fundamental das SOF publicada pelo Comando de Operações Especiais dos EUA: “Os seres humanos são mais importantes do que o equipamento.”

Isso significa que, embora a tecnologia possa ajudar, são a competência, o discernimento e a coragem do operador que determinam o sucesso de uma missão.

“Os operadores das SOF são a ‘tecnologia’ decisiva em qualquer missão,” o site do grupo de reflexão Battelle Insider escreveu numa série de ensaios que analisava a optimização da saúde dos combatentes. “Eles integram e operam sistemas avançados. Interpretam ambientes caóticos e ambíguos. Tomam decisões rápidas e de alto risco sob pressão extrema. E adaptam-se de formas que as máquinas e as plataformas não conseguem.”

Da mesma forma, Green afirmou que as SOF estão a passar por um “período de renovação,” acrescentando que é importante reforçar os seus pontos fortes, como o conhecimento cultural e a experiência no terreno, enquanto se adaptam, evoluem e adquirem novas capacidades.

“Controlem o que podem controlar, mantenham a curiosidade intelectual, cultivem uma cultura de experimentação,” disse. “Aceitem o desconforto.”

À medida que as novas tecnologias alteram o campo de batalha, os elevados padrões de desempenho e profissionalismo das SOF devem permanecer intactos, o Tenente-General John Omenda, vice-chefe das KDF, disse aos participantes da conferência das SOF em Nairobi.

“Os guerreiros silenciosos operam em áreas onde a complexidade é maior e as margens de erro são muito pequenas,” disse Omenda. “É neste ambiente exigente que a disciplina, a integridade, o respeito pelos direitos humanos e a adesão às normas internacionais devem permanecer inabaláveis. As ferramentas podem mudar, mas o carácter permanece.” □

TERRA, RIOS, LAGOS E MAR



FORÇAS ESPECIAIS NAVAIS DE ELITE COMBATEM UMA SÉRIE DE AMEAÇAS

EQUIPA DA ADF

O Gana tem sido um farol de paz e estabilidade ao longo da costa da África Ocidental há anos, mas o seu panorama de segurança evoluiu para abranger uma variedade diversificada de ameaças.

Grupos terroristas do Sahel, em expansão e determinados a chegar à costa, ameaçam o norte do país. Na fronteira oriental com o Togo, um movimento separatista tem alimentado o sentimento antigovernamental. No mar, a pirataria representa uma ameaça marítima agressiva e não convencional que exige uma resposta especializada.

O Esquadrão de Barco Especial, da Marinha do Gana, está a enfrentar todas estas ameaças e muito mais. Quando o espectro da pirataria pairava sobre o Golfo da Guiné entre 2009 e 2015, as autoridades perceberam que as forças convencionais não seriam suficientes, afirmou o Comandante Seth Dzakpasu, líder do esquadrão.

“Na altura, a Marinha do Gana estava muito familiarizada com as ameaças convencionais no mar,” Dzakpasu disse à ADF. “E a pirataria não era uma dessas ameaças convencionais.”

Foi então que o Gana se juntou às fileiras das marinhas africanas com esquadrões de forças especiais de elite, como o Quênia e a Nigéria. Estas unidades pequenas e altamente treinadas realizam abordagens e revistas de embarcações sob resistência, operações de combate ao tráfico no mar, em lagos e rios, e resposta a catástrofes, entre outras coisas.

NOVAS AMEAÇAS E NOVAS RESPOSTAS

Várias marinhas já demonstraram capacidade para fazer face a ameaças marítimas em algumas das águas mais difíceis do planeta. A Marinha da Nigéria é reconhecida como uma das mais fortes do continente no relatório Global Firepower de 2026. Ocupa o 22.º lugar a nível global. A classificação baseia-se em grande parte nos seus 152 recursos totais, que

Forças do Esquadrão de Barco Especial do Gana preparam-se para abordar uma embarcação ao largo de Takoradi, no Gana, em Maio de 2024, no âmbito do Exercício Obangame Express.

CONTRAMESTRE JOHN PEARL/MARINHA DOS EUA

consistem principalmente em navios de patrulha offshore.

No entanto, o seu Serviço de Barco Especial (SBS) oferece uma ferramenta mais ágil. Este serviço enfrenta uma matriz de ameaças em constante evolução que inclui traficantes em alto mar e terroristas que navegam no Lago Chade e noutras vias navegáveis interiores.

O contra-almirante reformado Dolapo Kolawole, ex-director de operações do Quartel-General da Marinha da Nigéria e ex-comandante do SBS, disse à Arise News em Fevereiro de 2026 que o serviço ajuda a Marinha a lidar com ameaças assimétricas e missões complexas de combate ao terrorismo. Formado em 2006, pode realizar “ataques cirúrgicos” e destruir acampamentos terroristas.



Membros do Esquadrão de Barco Especial do Gana preparam-se para entrar em embarcações de assalto de borracha para treino de operações especiais anfíbias durante o Exercício Flintlock em Daboya, Gana, em Maio de 2024.

ESPECIALISTA KEVIN BROWN/GUARDA NACIONAL DO EXÉRCITO DOS EUA

“É inspirado nos SEALs da Marinha dos Estados Unidos,” disse Kolawole. “O seu pessoal e marinheiros são treinados para a guerra assimétrica em terra e no mar. Eles podem operar em ambos os ambientes.”

Por exemplo, o SBS da Nigéria juntou-se ao Exército e às forças civis numa operação de limpeza e resgate de quatro dias, em Junho de 2021, em Baga, uma cidade estratégica no Estado de Borno, nas margens do Lago Chade.

Um dos maiores sucessos do serviço ocorreu em Maio de 2020. Enquanto o Hailufeng 11, de bandeira



chinesa, pescava com redes de arrasto em águas da Costa do Marfim, 10 piratas invadiram o navio, abordaram os seus 18 tripulantes e desligaram o sistema de identificação automática. Mesmo assim, as autoridades marítimas ao longo da costa ocidental de África rastream o navio até este entrar em águas nigerianas dois dias depois, a 16 de Maio, onde um barco de patrulha da Marinha aguardava.

O NNS Nguru aproximou-se do barco sequestrado a cerca de 140 milhas náuticas a sul de Lagos. Os comandos do SBS abordaram-no enquanto navegava a 9 nós, depois de os piratas se terem recusado a obedecer às ordens para parar. Nenhum marinheiro ou tripulante ficou ferido. Os piratas foram levados para terra e julgados.

Em todo o continente, membros da Unidade de Barco Especial (SBU) da Marinha do Quênia, a servir na Missão de Apoio e Estabilização da União Africana na Somália, responderam a um pedido de socorro quando o dhow MSV Fazlerabbi pegou fogo ao largo da costa de Kismayo, no dia 29 de Outubro de 2025.

O navio, a caminho de Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, estava em chamas a cerca de 5 milhas náuticas a nordeste do porto, de acordo com as Forças de Defesa do Quênia. O pessoal da SBU, em colaboração com embarcações locais, resgatou todos os 16 tripulantes.

Menos de um mês depois, 15 comandos do SBU da Marinha integraram uma força interagências que interceptou um navio a cerca de 340 milhas náuticas ao largo da costa de Mombaça, no Quênia.

Unidade de Barco Especial do Quênia realiza um exercício de evacuação de pessoas para um barco durante uma simulação de acidente com várias vítimas. MARINHA DOS EUA

Os fuzileiros navais partiram em pequenas embarcações do navio de patrulha da Marinha, KNS Shupavu, e abordaram e apreenderam o navio a motor sem bandeira, Mashallah.

O navio ilegal, que estava sob vigilância de agências internacionais de combate ao tráfico de drogas, foi escoltado até ao porto. Uma vez lá, as autoridades descarregaram 769 pacotes de metanfetamina, pesando 1.024 quilogramas e avaliados em 63 milhões de dólares. A operação foi apelidada de Operação Bahari Safi, que significa “mares limpos” em Swahili. Tratou-se da segunda maior apreensão de drogas da história do Quênia.

Essas pequenas equipas especializadas permitem que as forças armadas mobilizem forças capazes de se adaptar às ameaças específicas de cada nação. Apesar de serem componentes das forças navais, a sua alçada não se limita às ameaças marítimas. O esquadrão do Gana, por exemplo, tem sido utilizado para lidar com uma série de incidentes relacionados com a terra. Um deles é a mineração ilegal de pequena escala, conhecida internamente como “galamsey,” termo derivado de uma gíria que significa “recolher e vender.” Esta prática priva o país de receitas e prejudica o ambiente.

Anteriormente conhecido como Costa do Ouro, o Gana continua a ser o maior produtor de ouro de todo o continente, de acordo com um relatório



Marinheiros do Esquadrão de Barco Especial da Marinha do Gana abordam o GNS Chemle no Golfo da Guiné, ao largo de Tema, no Gana, durante o exercício Obangame Express, em Março de 2021. SUBOFICIAL DE 3.ª CLASSE HANNAH FRY/MARINHA DOS EUA

do Wilson Center de Novembro de 2024. A galamsey custa ao país mais de 2,3 bilhões de dólares por ano em receitas perdidas. A mineração legal é fortemente regulamentada, mas os mineiros ilegais de pequena escala, muitas vezes, utilizam cianeto e mercúrio, que poluem as fontes de água doce.

Dzakpasu afirmou que as forças armadas gane-sas têm trabalhado para combater a galamsey. “O Esquadrão de Barco Especial tem estado no centro dessa operação, particularmente devido à complexidade dessa ilegalidade. Isso ocorre tipicamente em cursos de água em locais isolados, onde não há acesso rodoviário directo. Assim, o esquadrão empregou as suas competências em rios, na água e no ar, sendo mobilizado por meios aéreos, e tem sido eficaz no combate a essa actividade desde cerca de 2017 até 2021.”

O esquadrão do Gana também respondeu ao movimento separatista da Togolândia Ocidental em 2020, segundo Dzakpasu. Os separatistas pretendem criar uma nova nação a partir dos limites do antigo Território de Confiança da Togolândia, que existiu sob administração britânica. Um incidente perto de uma base militar no leste levou os separatistas a “pegar em armas, bloquear pontes e o resto,” disse Dzakpasu. “O esquadrão foi rápido e eficaz na restauração da ordem pública ao entrar em confronto com membros desse movimento.”

Da mesma forma, os membros do esquadrão realizaram operações preventivas de contra-insurgência e combate ao terrorismo no norte do Gana para dissuadir terroristas que operam no Burkina Faso e na região mais ampla do Sahel.

FORMAÇÃO ESPECIALIZADA

O esquadrão do Gana, criado em 2016 com o apoio da Dinamarca, da Nigéria e dos Estados Unidos, formou em 2022 o seu primeiro grupo de operadores treinados no país. Os oito novos membros foram os únicos, de um total de 25, que concluíram o rigoroso treino de seis meses.

De 2016 a 2020, o Gana enviou cinco grupos à Nigéria para treino. Após o regresso, os marinheiros trabalharam em várias equipas, mas sem uma unidade formal ou estrutura de comando e controlo. Em 2021, o chefe do Estado-Maior da Marinha formou oficialmente o esquadrão, e Dzakpasu foi nomeado seu comandante em Março de 2022.

A capacidade de treinar internamente foi uma parte fundamental de um plano de desenvolvimento de cinco anos elaborado em parceria com os EUA e o Grupo de Guerra Especial da Dinamarca, conhecido como Frogman Corps. O plano estende-se até 2026.

Uma ferramenta que ajuda a treinar o esquadrão é um “navio numa caixa” no valor de 1,2 milhões de dólares, que foi encomendado em Agosto de 2024 com a ajuda do governo dinamarquês e do Escritório das Nações Unidas contra a Droga e o Crime. O simulador metálico, que se assemelha a um navio, permite que os membros do esquadrão e outros pratiquem

exercícios de visita, abordagem, busca e apreensão. Encontra-se no Comando de Treino da Marinha em Nutekpor, no leste do Gana.

“Em vez de lançar um navio ao mar sempre que se quer realizar operações de abordagem, temos um navio em terra no qual podemos simplesmente entrar, revistá-lo, criar diferentes cenários e treinar novamente,” disse Dzakpasu.

O então ministro da Defesa, Dominic Nitiwul, afirmou que o navio simulado simbolizava um compromisso com a excelência, a dedicação à protecção do Golfo da Guiné e um ambiente de treino realista para diferentes tipos de missões, de acordo com uma reportagem do Ghana Peace Journal de Agosto de 2024.

“As ameaças que enfrentamos hoje, desde a pirataria, o tráfico de drogas, o contrabando, a pesca ilegal e o terrorismo marítimo, entre outras, exigem que dotemos o nosso pessoal do melhor

treino possível, preparando-os para todos os cenários imagináveis que possam encontrar no mar,” Nitiwul disse na cerimónia de inauguração.

Acrescentou que as instalações beneficiarão aliados e nações parceiras, promovendo a cooperação e ajudando as forças marítimas a trabalharem em conjunto de forma harmoniosa. A Nigéria também possui um simulador “navio na caixa” no Centro Conjunto de Formação em Segurança Marítima, em Lagos.

A Nigéria criou o seu próprio Comando de Operações Especiais no Rio Benue em 2025. Este integra o SBS e a Unidade de Segurança Marítima do Projecto Deep Blue.

À DIREITA: O Serviço de Barco Especial da Nigéria tem sido fundamental no treino do pessoal do Gana.

ESPECIALISTA MARIO HERNANDEZ LOPEZ/EXÉRCITO DOS EUA

ABAIXO: O Serviço de Barco Especial da Nigéria demonstra as suas capacidades durante uma revista presidencial da frota no Estaleiro Naval de Lagos, em Maio de 2023.

AFP/GETTY IMAGES





“ELES DEMONSTRARAM A APTIDÃO FÍSICA, A TENACIDADE MENTAL, A PRONTIDÃO PSICOLÓGICA E A RESILIÊNCIA EMOCIONAL NECESSÁRIAS PARA DESEMPENHAR AS FUNÇÕES QUE LHES SERÃO ATRIBUÍDAS PELA MARINHA NIGERIANA.”

— Capitão Andrew Zidon, comandante do Serviço de Barco Especial da Nigéria

O treino do SBS é notoriamente difícil e inclui testes de resistência, privação física e natação de longa distância. Os cursos especializados centram-se na demolição subaquática, mergulho de combate, pára-quedismo, treino de sobrevivência, combate corpo a corpo, manuseamento de armas e recolha e análise de informações. O treino culmina com a “semana infernal,” na qual os candidatos são levados ao limite físico e mental.

Em Agosto de 2025, o SBS da Nigéria incorporou 33 formandos, menos de metade dos que iniciaram o Curso Básico de Capacidade Operacional de 36 semanas do programa. O Capitão Andrew Zidon, comandante do SBS, afirmou que os formandos “desgastaram milhares de cartuchos de munições e pirotecnia, queimaram milhares de litros de petróleo, óleo e lubrificante, nadaram quilómetros no mar e realizaram inúmeras horas de treinos de alta intensidade.”

O treino tem como objectivo ajudar a força a vencer antes mesmo de pisar no campo de batalha. “Eles demonstraram a aptidão física, a tenacidade mental, a prontidão psicológica e a resistência emocional necessárias para desempenhar as funções que lhes serão atribuídas pela Marinha Nigeriana,” Zidon disse ao jornal nigeriano, *This Day*.

Esta vista aérea mostra o Lago Chade. Os terroristas proliferam na área e estabelecem bases nas ilhas do lago.

AFP/GETTY IMAGES

Dzakpasu disse que prevê que o esquadrão do Gana partilhe mais os seus conhecimentos com os vizinhos africanos e nações parceiras, da mesma forma que a Dinamarca, a Nigéria e os EUA ajudaram a treiná-los.

“Já iniciámos esse caminho,” afirmou. “Com a Nigéria, os planos estão bastante avançados para realizar mais programas de treino de intercâmbio bilateral com o Senegal, com a Costa do Marfim e outras nações. Partilhámos a nossa experiência durante um evento de treino sob os auspícios do Comando de Operações Especiais dos EUA na África, o Exercício Flintlock. Durante o Exercício Flintlock, reunimo-nos e treinamos juntos; ficamos a conhecer-nos melhor.”

Através da sua parceria com a Dinamarca e os EUA, o Gana tem, nos últimos três anos, convidado líderes de nível médio do Benin, da Costa do Marfim, do Quênia e do Senegal para participar num curso de orientação em operações especiais e de planeamento de operações, disse Dzakpasu. “Iniciámos essa parceria e acredito que ela crescerá com mais participação nos próximos anos.” □



Um Soldado da Serra Leoa, da Força Conjunta da Guarda Presidencial, aplica um penso de campo a uma ferida ocular simulada.

Serra Leoa

Faz Parceria de Formação Com os EUA

PERSONNEL D'ADF | PHOTOS : SERGENT D'ÉTAT-MAJOR AMBER LITTERAL/ARMÉE DE L'AIR DES ÉTATS-UNIS

Soldados das Forças Armadas da República da Serra Leoa (RSLAF) participaram em quatro semanas de Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado com o 91.º Batalhão de Assuntos Cíveis do Exército dos Estados Unidos em Setembro de 2025. Forças dos EUA e membros da Unidade de Reconhecimento e do Serviço de Protecção do Estado das RSLAF abordaram questões relacionadas com operações de assuntos cíveis, incluindo reconhecimento e interacção, governação,

estudos de área, planeamento e relatórios de missões, desenvolvimento profissional e gestão de forças em Freetown. O treino incluiu também cuidados táticos a vítimas de combate, durante o qual todos os participantes obtiveram a certificação “Stop the Bleed” do Colégio Americano de Cirurgiões. Um exercício de campo de três dias testou os participantes num ambiente dinâmico. O treino conjunto promove a troca de conhecimentos e facilita a colaboração a longo prazo entre os dois países.



A IMPORTÂNCIA ESTRATÉGICA DA GESTÃO DE FRONTEIRAS



**A Segurança das Fronteiras Exigirá
Coordenação e Cooperação Entre
Agências e Entre Nações**

ILUSTRAÇÃO DA ADF



Soldados tunisinos procuram homens armados nas Montanhas Dernaya, na região de Kasserine, perto da fronteira com a Argélia, após um atacante ter morto um agente da polícia em 2012.

CORONEL-MAJOR (APOSENTADO) SALAH SAKLI,
EX-DIRETOR CENTRAL DA GUARDA DE FRONTEIRAS DA TUNÍSIA

FOTOS DA AFP/GETTY IMAGES

As nações africanas estão separadas por 83.500 quilómetros de fronteiras terrestres políticas, mas apenas um terço dessas fronteiras está efectivamente demarcado. Muitas regiões fronteiriças também são escassamente povoadas, em grande parte inseguras e distantes das capitais nacionais e dos centros de controlo governamentais.

As regiões fronteiriças têm sido tradicionalmente vistas como marginais, porosas, insuficientemente definidas e mal geridas, o que leva a desafios de segurança significativos, como o terrorismo, tráfico criminoso e migração ilegal.

Estas áreas tornaram-se potenciais focos de tensões socioeconómicas e políticas, conflitos armados intra e inter-estatais e terreno fértil para vários grupos armados não estatais. As regiões também enfrentam enormes movimentos migratórios e são palco de terrorismo, crime organizado e tráfico ilegal de pessoas, bens, recursos naturais, drogas e armas de fogo.

Grupos criminosos e terroristas estão a crescer e a diversificar-se ao longo das fronteiras africanas. Desenvolvimentos recentes demonstraram que estes grupos aumentaram as suas ligações transnacionais e têm uma capacidade crescente para desafiar a

autoridade dos Estados e das instituições regionais.

Consequentemente, a deterioração das condições nas fronteiras em várias regiões compromete as iniciativas globais de combate ao terrorismo e a todas as formas do crime transnacional. Estes desafios e ameaças não têm o mesmo significado para todos os países africanos, mas continuam a ser uma fonte persistente de instabilidade em todo o continente. Nenhuma nação pode enfrentá-los sozinha.

Terreno Diversificado

As fronteiras da Tunísia são naturalmente permeáveis e diversificadas. São florestadas e montanhosas no norte, rochosas no centro e vastas e desérticas no sul. O país tem uma área de 163.000 quilómetros quadrados e partilha uma fronteira terrestre de 1.033 quilómetros com a Argélia a oeste e uma fronteira de 473 quilómetros com a Líbia a sudeste. A sua linha costeira mediterrânica estende-se por 1.288 quilómetros a norte e a leste.

O país possui nove aeroportos internacionais, 12 postos fronteiriços terrestres e 21 portos, formando uma rede de 42 pontos de passagem oficiais administrados conjuntamente pelos serviços aduaneiros e policiais. A polícia trata dos viajantes e dos seus documentos, enquanto os agentes aduaneiros se concentram nas

As regiões fronteiriças têm sido tradicionalmente vistas como marginais, porosas, insuficientemente definidas e mal geridas, o que leva a desafios de segurança significativos, como o terrorismo, tráfico criminoso e migração ilegal.

mercadorias transportadas destinadas ao comércio internacional.

Fora destes pontos de passagem regulamentados, a vigilância das fronteiras terrestres e marítimas é principalmente da responsabilidade da Direcção Geral da Guarda de Fronteiras, uma estrutura ligada à Guarda Nacional, sob a alçada do Ministério do Interior. Esta instituição inclui ramos terrestres e marítimos encarregados de garantir a segurança nas zonas fronteiriças, combater a migração ilegal e a criminalidade trans-fronteiriça, e desempenhar funções semelhantes às da polícia aduaneira.



Abordar a Segurança Fronteiriça

As nações têm envidado enormes esforços para enfrentar as questões fronteiriças a nível nacional, regional e continental. No entanto, muitos são inadequados, dada a dimensão dos desafios.

Estes esforços são geralmente reactivos e mitigam apenas os efeitos associados à insegurança. A falta de estratégias de prevenção a longo prazo destinadas a antecipar riscos iminentes e a erradicar as causas profundas dos problemas fronteiriços é lamentável. Além disso, vários planos nacionais, regionais e continentais enfrentam dificuldades de implementação devido à falta de vontade política e a uma resposta desigual por parte das diferentes partes interessadas para enfrentar colectivamente os desafios comuns.

Estes problemas podem decorrer de relações tensas devido a disputas territoriais; rivalidade, desconfiança e suspeita; um desejo de forjar alianças bilaterais com potências estrangeiras em detrimento da integração continental; a priorização dos interesses nacionais em detrimento da integração regional e continental; a compartimentação institucional que sufoca a colaboração; condições regionais que favorecem o isolamento; e a persistência de crises e instabilidade em alguns países.

Um soldado tunisino em frente a uma trincheira ao longo da fronteira com a Líbia. As autoridades construíram a barreira, que inclui bermas e trincheiras, desde Ras Jedir, na costa mediterrânica, até Dhiba, depois de terroristas terem morto 22 pessoas no museu nacional de Tunis em 2015.





Refugiados que fugiram da violência na Líbia fazem fila para o pequeno-almoço no campo de refugiados de Choucha, perto da fronteira com a Tunísia, em Março de 2011.

Os Desafios da Tunísia

Desde a sua independência, a Tunísia tem enfrentado uma multiplicidade de desafios na gestão das fronteiras. Estas dificuldades decorrem de factores geográficos, políticos,

económicos e sociais. Entre as principais preocupações contam-se a presença de grupos terroristas ao longo das suas fronteiras, a intensificação da migração irregular e o aumento do contrabando e do tráfico ilícito, em particular de combustível, drogas e armas de fogo. Este tráfico financia e apoia organizações criminosas e terroristas. A crise líbia em curso amplifica significativamente a escala e a natureza das ameaças que a Tunísia enfrenta.

Além disso, grupos armados continuam a operar ao longo das fronteiras argelinas, e grandes organizações terroristas, como o grupo Estado Islâmico e a al-Qaeda no Magrebe Islâmico, originárias principalmente do Sahel, procuram consolidar e expandir a sua presença no Norte de África.

Várias questões internas agravam os desafios fronteiriços da Tunísia. A economia nacional, enfraquecida por crises sucessivas, limita significativamente a capacidade do governo de gerir eficazmente as fronteiras, que são frequentemente caracterizadas por um terreno acidentado propício à circulação ilegal de bens e pessoas.

O actual sistema de gestão de fronteiras baseia-se num mosaico heterogéneo de leis e regulamentos que atribuem responsabilidades a várias agências. Os procedimentos são rígidos e centralizados, e o discurso político continua amplamente centrado na segurança, em detrimento das preocupações socioeconómicas das comunidades e das características históricas e geográficas únicas das regiões fronteiriças.

A Tunísia está a emergir como um país de trânsito para migrantes de outras partes de África. Esta transformação perturba os equilíbrios já frágeis e complica ainda mais a regulamentação dos fluxos migratórios transfronteiriços.

O início da primeira guerra civil na Líbia, em Fevereiro de 2011, forçou centenas de milhares de trabalhadores estrangeiros a fugir para a Tunísia entre Março e Outubro de 2011. A maioria deles foi repatriada para os seus países de origem no espaço de algumas semanas, embora um pequeno número se tenha estabelecido temporariamente na Tunísia.

A Tunísia também recebe imigração proveniente principalmente da África Subsaariana, incluindo estudantes, migrantes económicos, refugiados e migrantes irregulares que fogem de zonas de conflito. De acordo com o Fórum Tunisino para os Direitos Económicos e Sociais, o número de migrantes irregulares da África Subsaariana está em constante aumento.



A polícia de fronteira tunisina verifica passaportes no posto de Tabarka, no noroeste, perto da Argélia

Uma ambulância líbia atravessa o posto fronteiriço de Ras Jedir, entre a Líbia e a Tunísia, no dia 1 de Julho de 2024. A Líbia reabriu o posto fronteiriço, o principal ponto de trânsito entre os países, numa cerimónia realizada nesse dia, três meses após o seu encerramento devido a confrontos armados relacionados com contrabandistas.



Tunísia Toma Medidas nas Fronteiras

As autoridades tunisinas optaram por uma abordagem holística e equilibrada baseada na segurança e no desenvolvimento. Esta abordagem abrange as dimensões política, social, económica, cultural, religiosa, legislativa e de segurança. Defende também uma cooperação estreita a nível local e global.

Neste contexto, a Tunísia adoptou duas estratégias complementares: uma estratégia nacional de segurança nas fronteiras e uma estratégia nacional de migração. Ambas estão estruturadas em torno de uma abordagem multidimensional que prioriza a prevenção e inclui um mecanismo abrangente e coordenado de controlo e resposta.

Através da estratégia de fronteiras, o governo reorganizou e reforçou a segurança no terreno. Unidades avançadas foram reposicionadas para reforçar a sinergia entre as forças de segurança e militares e para prevenir riscos.

Uma zona tampão ao longo das fronteiras meridionais inclui vários postos de controlo conjuntos entre o exército nacional e as unidades da guarda de fronteiras. A construção de uma barreira de terra com 2 metros de altura ao longo da fronteira sudeste impede a passagem de veículos e o contrabando. Um sistema de vigilância electrónica reforça o controlo da fronteira com a Líbia.

As autoridades também adquiriram equipamento moderno para otimizar os controlos nos aeroportos e nas fronteiras e reforçaram a coordenação entre as partes interessadas na gestão das fronteiras nacionais. Foi criado um comando conjunto para supervisionar e coordenar as operações terrestres. Novas iniciativas formam, equipam e apoiam oficiais e agentes que operam em áreas fronteiriças remotas.

A estratégia nacional de segurança fronteiriça visa melhorar as competências operacionais e técnicas do pessoal fronteiriço, otimizar a utilização do equipamento e das infra-estruturas disponíveis e harmonizar

as práticas nos postos fronteiriços para garantir a segurança e facilitar a circulação legítima de pessoas, serviços e mercadorias. Esta abordagem inclui medidas rigorosas contra a corrupção e o contrabando, impedindo assim a infiltração transfronteiriça.

A Tunísia também desenvolveu uma Estratégia Nacional de Migração concebida através de uma estreita colaboração com as partes interessadas locais e internacionais, a sociedade civil e a diáspora tunisina. Propõe uma visão inclusiva e abrangente baseada no respeito pelos direitos fundamentais, promovendo simultaneamente o desenvolvimento sustentável, a governação democrática e o reforço da coesão social.

A estratégia baseia-se nos seguintes valores: boa governação em matéria de migração a nível nacional e regional; respeito pelos direitos humanos e pela dignidade dos migrantes e das suas famílias; reconhecimento e valorização do papel dos tunisinos residentes no estrangeiro no desenvolvimento socioeconómico e cultural do país; e promoção de uma maior coordenação e cooperação entre todas as partes interessadas. A estratégia estabelece um diálogo permanente, inclusivo e participativo com as organizações da sociedade civil tunisina e as associações que representam os migrantes tunisinos no estrangeiro, combatendo o tráfico e a exploração de seres humanos e integrando as questões migratórias em todas as políticas sectoriais.

Colaboração é Crucial

Recursos técnicos, humanos e financeiros, bem como uma cooperação internacional robusta baseada na solidariedade e na confiança mútua, são essenciais para apoiar estas estratégias. Para tal, os países africanos devem unir esforços e reunir os seus recursos para maximizar o seu potencial e as suas perspectivas. Cada país deve disponibilizar os seus recursos à sua comunidade e aos países vizinhos.

A Tunísia deu prioridade a uma abordagem baseada na cooperação estratégica com várias nações e instituições internacionais. Esta colaboração tem promovido alianças frutíferas, contribuindo para o desenvolvimento de uma política inovadora de gestão de fronteiras. O principal objectivo é melhorar os mecanismos institucionais, inspirando-se nas experiências mais bem-sucedidas a nível regional e global, enquanto se racionaliza a utilização dos recursos atribuídos pelos parceiros internacionais. Consequentemente, os serviços fronteiriços tunisinos operam agora em sinergia com os seus homólogos nos países vizinhos. Esta estratégia baseia-se na confiança mútua, na transparência, na parceria equitativa, no respeito pela soberania nacional e na inviolabilidade das fronteiras reconhecidas.

Assim, a Tunísia celebrou vários acordos com países vizinhos. Estes acordos centraram-se inicialmente na desminagem e na demarcação das fronteiras comuns. Posteriormente, foram assinadas várias convenções bilaterais e multilaterais para promover projectos de desenvolvimento transfronteiriço em áreas-chave

como a saúde, os transportes, o comércio, o ambiente, a protecção civil e a gestão de catástrofes. Estes acordos incluem também compromissos recíprocos destinados a facilitar o acesso, a livre circulação e o direito de residência, trabalho e estabelecimento para os nacionais de cada país. Algumas convenções prevêem mesmo disposições específicas, tais como o acesso a pastagens durante períodos de seca ou a obtenção de autorizações para a circulação de gado entre territórios.

A Tunísia criou comissões conjuntas com os seus dois vizinhos mais próximos para reforçar a segurança nas fronteiras. As interações entre as autoridades tunisinas e argelinas são regulares e produtivas graças a uma organização permanente e a uma estrutura estável. As negociações com representantes líbios são mais desafiantes devido a dificuldades associadas à ausência de uma autoridade central única e legítima.



Tunisinos que trabalham e vivem na Líbia passam por uma placa de sinalização nos arredores da cidade tunisina de Ben Guerdane que indica a distância até ao posto fronteiriço de Ras Jedir, em 2011.

É crucial que os países africanos identifiquem os seus próprios desafios, determinem as suas necessidades específicas e assumam a responsabilidade pelo financiamento das suas iniciativas, para que os seus parceiros possam contribuir sem arcar com todo o fardo e consequências associadas. Fazer isso aumenta a eficiência, gera poupanças substanciais e posiciona África como um continente onde as viagens e o comércio transfronteiriços podem ocorrer de forma eficiente e segura. As questões fronteiriças já não podem ser vistas como periféricas. São agora centrais para a segurança nacional e o desenvolvimento económico de África. Ao dar prioridade à segurança fronteiriça colaborativa, os países africanos podem dar grandes passos económicos e ajudar a tornar o continente mais integrado. □

SOBRE O AUTOR: O Coronel-Major Sakli, aposentado, é o antigo director central da guarda de fronteiras da Tunísia e trabalha actualmente como especialista independente em segurança de fronteiras e formador. É motivado pelo desejo de melhorar a segurança de fronteiras e a cooperação no continente africano.



ESTRADAS EM CHAMAS

Um camião circula pela Estrada Nacional 15, de Sévaré, no Mali, em direcção ao Burquina Faso. Terroristas ligados à al-Qaeda operam na área, tornando a RN15 uma das estradas mais perigosas do Mali. AFP/GETTY IMAGES

COMO AS REDES DE TRANSPORTE ESTÃO A MOLDAR OS CONFLITOS NA ÁFRICA OCIDENTAL

STEVEN M. RADIL, OLIVIER WALTHER E ALEXANDER THURSTON



Soldados burquinabês patrulham a estrada de Dori até ao campo de refugiados de Goudebo, em Fevereiro de 2020. O controlo das estradas conduz, em última instância, ao controlo do território.

AFP/GETTY IMAGES

As estradas da África Ocidental são mais do que rotas comerciais. Tornaram-se a linha de frente das guerras em expansão na região.

No Burkina Faso, uma emboscada terrorista em 2022 a uma coluna de 200 veículos perto de Djibo matou dezenas de pessoas e desencadeou uma agitação política que culminou num golpe militar. Mais a leste, no Estado de Borno, na Nigéria, os terroristas têm utilizado minas terrestres e dispositivos explosivos improvisados (DEI) para paralisar a auto-estrada Maiduguri-Monguno, isolando os mercados e forçando os civis a refugiarem-se em “super-campos” para se protegerem.

Em toda a região de Mopti, no Mali, os terroristas destruíram pontes para isolar cidades inteiras. Em Outubro de 2025, os terroristas da região de Sikasso destruíram uma coluna de cerca de 50 camiões-cisterna que tinham entrado no país vindos da Costa do Marfim.



Estes incidentes revelam uma verdade crescente: a infra-estrutura de transportes da África Ocidental tornou-se um alvo e uma arma. Uma nova investigação dos autores analisou mais de 58.000 eventos violentos registados pelo Projecto de Localização de Conflitos Armados e Dados de Eventos (ACLED) em 17 países e mostra que quase dois terços de todos os ataques ocorrem a menos de um quilómetro de uma estrada. A análise sublinha até que ponto o controlo das estradas define agora o controlo do território.

AS ESTRADAS SANGRENTAS DA ÁFRICA OCIDENTAL

As estradas são as artérias do Estado. Transportam mercadorias, tropas e influência. Mas, em grande parte do Sahel e da sua periferia costeira, as más condições das estradas e as redes escassas transformaram a mobilidade numa aposta perigosa.

A violência é mais intensa ao longo dos principais corredores que ligam capitais frágeis a fronteiras remotas. No Mali, a auto-estrada de 640 quilómetros que liga Mopti e Gao é a rota mais mortífera do Sahel, marcada por mais de 400 incidentes violentos desde 2012. No noroeste anglófono dos Camarões, a estrada em torno de Bamenda registou mais de 700 ataques desde 2018, alimentados pela violência separatista.

Estes pontos críticos ilustram um padrão mais amplo. A nossa investigação revelou que a violência diminui drasticamente com a distância da rede

Civis e militares no Mali e em todo o Sahel têm de utilizar as mesmas estradas, o que torna ambos vulneráveis aos terroristas, que frequentemente atacam perto de infra-estruturas. REUTERS

rodoviária: 65% dos incidentes violentos ocorrem num raio de 1 quilómetro de uma estrada, mas apenas 4% ocorrem a mais de 10 quilómetros de distância. A tendência é quase idêntica, independentemente de a violência envolver emboscadas, dispositivos explosivos improvisados (DEI) ou ataques a civis.

Parte da razão é a logística. As forças de segurança e os civis têm de utilizar os mesmos corredores de transporte estreitos para deslocar pessoas e abastecimentos. Os terroristas exploram essa previsibilidade, lançando emboscadas ou colocando explosivos nas poucas rotas pavimentadas disponíveis. Entretanto, os Estados dependem desses mesmos corredores para reafirmar o controlo, criando um ciclo vicioso mortal que torna a própria mobilidade uma fonte de insegurança.

CENTROS URBANOS NO INTERIOR REMOTO

A geografia da violência também está a mudar. Durante as fases iniciais das insurgências na região, os ataques concentravam-se em torno das cidades e das principais auto-estradas. Mas, à medida que os grupos terroristas se expandiam, começaram a atacar mais profundamente nas áreas rurais.



Em 2011, quando a violência urbana atingiu o seu pico na África Ocidental, quase 90% de todos os ataques ocorreram a menos de 1 quilômetro de uma estrada. Em 2024, esse número tinha diminuído em cerca de um terço. Esta mudança reflecte o que chamamos de ruralização do conflito: um processo no qual grupos terroristas e rebeldes procuram refúgio e apoio em comunidades remotas, longe do alcance dos governos centrais.

Mesmo com o avanço das linhas de frente, no entanto, as rotas de transporte continuam a ser cruciais. Emboscadas rurais, minas terrestres e ataques a colunas continuam a depender do acesso rodoviário. Os grupos armados utilizam o controlo sobre os transportes para cobrar impostos aos comerciantes, impor bloqueios e restringir a circulação de civis.

O cerco de Djibo, no norte do Burkina Faso, é um dos exemplos mais evidentes. De 2020 a 2024, os terroristas cercaram a cidade, cortando todas as principais vias de acesso e impedindo a chegada de alimentos ou suprimentos médicos, excepto por via aérea. Centenas de civis morreram, e o isolamento da cidade alimentou a agitação política que desestabilizou a liderança do país. Desde então, os militantes têm utilizado bloqueios como tática fundamental no centro, sul e oeste do Mali, afectando Kayes, Mopti, Nioro, Ségou, Sikasso e a capital, Bamako.

A NOVA GEOGRAFIA DO PERIGO

Em toda a África Ocidental, vários corredores destacam-se como especialmente perigosos.

- **Mali:** a RN16 entre Mopti e Gao e a RN17 que conduz à fronteira com o Níger são alvos frequentes de emboscadas e ataques com dispositivos explosivos improvisados (DEI). Um número crescente de ataques ocorreu entre Bamako e a fronteira sul com a Costa do Marfim no corredor da RN7, ao longo do qual é transportada a maior parte do petróleo consumido no país.
- **Burkina Faso:** a estrada N3 que liga Djibo e Dori, perto da fronteira com o Mali, continua a ser uma das mais perigosas, reflectindo anos de esforços terroristas para bloquear cidades-chave.
- **Nigéria:** as auto-estradas A3 e A4 que partem de Maiduguri, incluindo as rotas para Bama e Damaturu, sofreram centenas de ataques, com militantes a

Crianças atravessam uma rua em Damasak, no estado de Borno, na Nigéria.

AFP/GETTY IMAGES

Soldados malianos operam um posto de controlo em Konna, 50 quilómetros a norte de Mopti. AFP/GETTY IMAGES



utilizarem bombas à beira da estrada e emboscadas móveis.

De acordo com a nossa investigação, estas zonas correspondem estreitamente às áreas onde o controlo estatal é mais fraco e onde a acessibilidade dos transportes é mais precária. A escassez de infra-estruturas agrava a insegurança. Com apenas algumas estradas viáveis ligando as principais cidades, um único bloqueio ou uma ponte destruída pode isolar regiões inteiras.

EMBOSCADAS E EXPLOSIVOS IMPROVISADOS

O aumento das emboscadas tem sido uma das evoluções mais marcantes nos muitos conflitos do Sahel. Entre 2000 e 2011, foram registadas menos de 60 emboscadas em toda a região. Em 2023, esse número tinha aumentado para mais de 260 por ano.

Os grupos terroristas utilizam emboscadas não só para matar soldados e apreender armas, mas também para semear o medo e perturbar a logística militar. Os ataques, muitas vezes, ocorrem em zonas pouco povoadas, onde as colunas circulam lentamente e a visibilidade é reduzida. No Mali, uma emboscada realizada em 2024 por rebeldes Tuaregues matou mais de 100 soldados malianos e mercenários do Grupo Wagner perto de Tin Zaouatine, junto à fronteira com a Argélia.

Os DEI constituem uma outra ameaça crescente. Como são normalmente colocados perto de estradas, os DEI são um indicador de quão de perto a violência acompanha os corredores de transporte. Desde 2021, o Burkina Faso e o

Mali têm sofrido, cada um, mais de 100 incidentes com DEI anualmente, muitos dos quais visando colunas militares ou humanitárias. O impacto vai além das vítimas imediatas. As minas e os explosivos impedem os agricultores de cultivarem os seus campos e os comerciantes de utilizarem as estradas regionais, aprofundando o isolamento económico.

QUANDO AS ESTRADAS SE TORNAM ARMAS

Para os terroristas, as estradas são mais do que alvos. Também são ferramentas de controlo. Em grande parte do Sahel, grupos armados erguem postos de controlo para tributar comerciantes e monitorar os movimentos da população. Um único bloqueio de estrada pode tornar-se um posto alfandegário em miniatura, um local de propaganda ou um ponto de emboscada.

Na região do Lago Chade, tais táticas obrigaram as forças nigerianas, em 2019, a consolidar as tropas em super-campos fortificados, cedendo vastos territórios rurais aos insurgentes. Dinâmicas semelhantes são visíveis em todo o Chade e Níger, onde militantes exploram a rede rodoviária limitada para dominar corredores-chave.

Por vezes, grupos terroristas destroem deliberadamente pontes e passagens hidráulicas para isolar comunidades ou punir populações consideradas como cooperantes com o governo. No centro do Mali, duas pontes destruídas em meados de 2021 isolaram aldeias inteiras em Mopti e Bandiagara durante mais de um ano, obrigando as Nações Unidas a financiar a reconstrução de emergência. As novas pontes só foram



concluídas em Dezembro de 2022.

Estes actos de destruição sublinham o poder simbólico e estratégico das infra-estruturas de transporte. O controlo sobre quem pode se deslocar, para onde e a que custo tornou-se um elemento central da autoridade política nas guerras da região.

O PARADOXO DE INFRAESTRUTURAS E SEGURANÇA

A investigação aponta para um paradoxo. As mesmas estradas que possibilitam o poder do Estado também o expõem. Em toda a região, as forças governamentais e os civis dependem de infra-estruturas limitadas, enquanto os terroristas exploram essa dependência para infligir danos a baixo custo. Isso permite aos terroristas enfraquecer continuamente as capacidades das forças governamentais e minar a confiança pública nos regimes no poder, enquanto contornam a necessidade de lançar ataques directos contra as principais cidades.

Melhorar a segurança na África Ocidental exigirá, portanto, investir não só em tropas, mas também em transportes. Expandir e manter redes rodoviárias pode reduzir o isolamento, facilitar o comércio e permitir respostas militares e humanitárias mais rápidas. Como observa o Clube do Sahel e da África Ocidental, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico,

a falta de transportes acessíveis continua a ser um dos maiores obstáculos à segurança e ao desenvolvimento.

Sessenta anos após a independência, vastas áreas da região ainda carecem de estradas pavimentadas que as liguem às capitais nacionais. Esta ausência faz com que as populações se sintam abandonadas e proporciona terreno fértil para a rebelião. Enquanto o isolamento persistir, os insurgentes continuarão a explorar a geografia da negligência.

A BATALHA PELA MOBILIDADE

O controlo das estradas está a remodelar a geografia do poder na África Ocidental. Os conflitos da região não são travados apenas pelo território, mas também pela capacidade de deslocar-se através dele.

Dos desertos do Mali às florestas da Nigéria, cada ataque a uma coluna ou ponte representa mais do que um golpe tático. É um ataque ao frágil tecido conjuntivo que une não apenas os Estados, mas também toda a região.

Até que a própria mobilidade seja assegurada, as estradas da região serão linhas de vida e campos de batalha. □

SOBRE OS AUTORES: Steven M. Radil é consultor de segurança internacional e director da GeoPublic Analytics LLC. Olivier Walther é professor associado no Departamento de Geografia da Universidade da Flórida. Alexander Thurston é professor associado na Escola de Assuntos Públicos e Internacionais da Universidade de Cincinnati.

FLINTLOCK

COLMATA LACUNAS DE SEGURANÇA



Um marinheiro das Forças Especiais do Senegal salta de um helicóptero durante o Exercício Flintlock 2025, no Senegal.

CONTRAMESTRE JOHN PEARL/MARINHA DOS EUA

O EXERCÍCIO ANUAL DE COMBATE AO TERRORISMO AMPLIA AS COMPETÊNCIAS DA UNIDADE DE OPERAÇÕES ESPECIAIS PARA COMBATER AMEAÇAS CRESCENTES

PEARL MATIBE, ANALISTA DE SEGURANÇA

EM 2005, o terrorismo estava apenas a começar a criar raízes no Sahel e a ameaçar outras partes do continente. Quando os grupos terroristas expandiam as suas operações, os Estados Unidos e os seus parceiros da África Ocidental lançaram um exercício militar especificamente concebido para os combater. O exercício tem-se mantido desde então.

A Líbia e a Costa do Marfim co-organizaram a edição de 2026 em Abril. O evento colmatou uma lacuna na segurança continental, ligando as forças de segurança do Norte de África às nações costeiras da África Ocidental. Marcou 21 anos de esforços dos países africanos para transformar o Flintlock numa plataforma institucionalizada de operações especiais contra grupos terroristas.

“Ajuda-nos a construir e reforçar a capacidade da nossa unidade (de forças de operações especiais) para que possam combater eficazmente os grupos terroristas,” o Tenente-Coronel Kitcha Sekongo, da Costa do Marfim, disse numa sessão de planeamento do Flintlock em 2024. “Sendo um exercício internacional, também nos ajuda a construir a coligação certa e a estabelecer parcerias para nos mantermos unidos contra esta ameaça.”

O Exercício Flintlock tornou-se o principal exercício anual de operações especiais do Comando dos EUA para África. Reúne mais de 30 países africanos, ocidentais e outros para reforçar a segurança, combater organizações terroristas e melhorar a interoperabilidade. Centra-se na melhoria da independência operacional, dos direitos humanos e da estabilidade regional no Sahel e nas regiões vizinhas. O seu nome deriva de um tipo antigo de arma de fogo e passou a simbolizar o “conjunto completo” do treino fundamental.

Cada Exercício Flintlock reflecte a história recente do continente. O Flintlock foi lançado em 2005 com cinco países africanos, quando surgiram ameaças no Sahel por parte da al-Qaeda no Magrebe Islâmico e de outros grupos terroristas. O exercício de 2015 decorreu enquanto as ameaças do Boko Haram se desenrolavam, marcando a transição do Flintlock para cenários do mundo real.

O Flintlock foi o único exercício anual liderado pelos EUA no continente realizado em 2020 durante a COVID-19. O exercício foi realizado na Mauritânia, com uma base avançada no Senegal. O Marrocos e o Senegal actuaram como formadores em combate ao terrorismo e cooperação regional, uma novidade desde o início do Flintlock.



Marinheiros das Forças Especiais do Senegal realizam um exercício de extracção rápida de forças durante o Exercício Flintlock 2025 em Dacar, no Senegal. CONTRAMESTRE JOHN PEARL/MARINHA DOS EUA

A Costa do Marfim e o Gana já acolheram o exercício várias vezes. Ao longo dos anos, os países anfitriões também incluíram a Argélia, os Camarões, o Chade, o Mali, a Mauritânia, o Níger, a Nigéria e o Senegal.

O Flintlock 2026 ocorreu num contexto de ameaças terroristas sem precedentes em toda África. A violência no Sahel, perpetrada pelo Jama'at Nusrat al-Islam wal-Muslimin (JNIM) e outros grupos, estende-se até aos portos costeiros. A bacia do Lago Chade tornou-se um refúgio das actividades extremistas. A Líbia continua a ser disputada por terroristas e actores maliciosos.

Como um todo, os países africanos participantes do Flintlock enfrentam um ambiente cada vez mais perigoso, no qual ameaças comuns exigem soluções comuns. Os objectivos do Flintlock centram-se em três capacidades: interoperabilidade entre diferentes doutrinas, operações baseadas em informações de inteligência contra redes transfronteiriças e resiliência civil-militar que protege as comunidades. Os países africanos também promovem a continuidade, optando pela parceria em tempos de crise.

Os exercícios abordam ameaças continentais e globais. “É possível ver todo o espectro, e não se trata apenas da África Ocidental,” um oficial militar ganês disse à Joy News, uma estação de notícias de TV e site no Gana, durante o Exercício Flintlock 2023. “É uma questão global.

Quero dizer, há um momento em que não se deve pensar apenas em si mesmo, porque se atacam um, atacam todos.”

As forças de segurança africanas enfrentam enormes desafios de comunicação. As línguas faladas no Flintlock incluem Inglês, Francês, Português, Árabe e uma infinidade de línguas nativas africanas, como o Hausa e o Swahili. As diferentes línguas apresentam problemas de comunicação e de terminologia de comando. Rádios e sistemas de comunicação incompatíveis podem representar mais problemas. Uma informação dos serviços secretos do Chade pode chegar aos operadores ganeses através de três línguas e formatos incompatíveis.

O Flintlock colmata estas lacunas. As células de planeamento mistas contam com intérpretes. Símbolos cartográficos padronizados e modelos de situação superam as diferenças técnicas. Os exercícios dão prioridade a ferramentas de “baixa tecnologia, alta confiança” — rádios de alta frequência, mensageiros humanos, mapas em papel — realistas para postos avançados da África Ocidental sem ligações por satélite.

“Temos de ser capazes de lutar com o que temos, mas pensar em conjunto com o que partilhamos,” enfatizou um comandante das forças de operações especiais da África Ocidental.

Os participantes afirmam que o evento anual facilita a partilha de informações no continente.

“Algo que é fundamental na luta contra o terrorismo é esta partilha de informações — é essencial,” o Brigadeiro-General Zakaria Ngobongue, do Chade, disse à ADF durante o Flintlock 2015. “Se não partilharmos informações, nunca chegaremos à nossa fase final. O Flintlock é exactamente o que precisávamos, no momento e no local certos, juntos. Partilhamos informações e colocamos em prática essa partilha de informações.”

Os cenários reais levam a confiança para além das palavras. Soldados de diferentes países testemunham a competência uns dos outros sob pressão.

“Nem sempre temos a oportunidade de explodir um veículo, por isso, é uma experiência de aprendizagem considerável ver uma explosão em tamanho real,” o Major Issa Diack, da Polícia Nacional do Senegal, disse durante o Flintlock 2016.

Ao longo de 20 anos, o Flintlock treinou oficiais multilingues que operam em estados-maiores conjuntos após o exercício, transformando barreiras numa vantagem de unidades multilingues capazes de superar as organizações terroristas. Os oficiais que mantêm operações conjuntas após o exercício são cruciais.

Imagine drones ganeses a rastrear uma coluna de armas terroristas proveniente de um país da África Ocidental, enquanto a patrulha fronteiriça do Benin transmite as posições por rádio. A força de reacção rápida

Forças de operações especiais da Marinha Senegalesa preparam-se para um desembarque na praia em Saint-Louis, no Senegal, durante o Exercício Flintlock 2016. SPC. DAVID SHEFCHUK/EXÉRCITO DOS EUA



Forças tunisinas e italianas participam no Exercício Flintlock 2024 em Daboya, Gana.

SOLDADO HANNAH BECKER/EXÉRCITO DOS EUA



do Togo pode cortar as rotas de fuga. Beninenses francófonos podem redigir resumos em Inglês; intérpretes podem transmitir comandos de incursão em tempo real. Isso é interoperabilidade. Em Sirte, na Líbia, unidades do leste e do oeste podem combinar o conhecimento do terreno local com a inteligência de sinais marroquina para defender a infra-estrutura petrolífera, praticando evacuações de civis em torno de oleodutos em funcionamento. Isso é fusão de inteligência.

No norte da Costa do Marfim, forças de segurança guineenses, costa-marfinenses e senegalesas podem limpar aldeias, combinar informações locais com imagens de satélite, proteger escolas e coordenar programas para jovens que espelhem a iniciativa para jovens fronteiriços de Abidjan. Isso é resiliência civil-militar.

Cada cenário obriga os países africanos a resolver problemas que têm enfrentado, tais como barreiras linguísticas, incompatibilidades de informações e complexidades civis. Os oficiais partem com procedimentos que funcionam ano após ano.

Em 2023, o Coronel Richard Mensah, do Gana, compartilhou lições aprendidas no Flintlock. “Não podemos levantar as mãos e dizer que, porque o terrorismo está acontecendo e não estamos conseguindo grande coisa, devemos adormecer,” afirmou, conforme noticiado pelo site Joy News. “As Operações Especiais não são criadas em situações de emergência. Temos de continuar a treinar. O treino é tudo, e tudo é treino. Temos de preparar os nossos

homens para que sejam capazes de lidar com os terroristas. Estas perspectivas ajudam-nos a construir intercâmbios de parceria, informações, ideias e experiência para sermos capazes de superar alguns dos desafios.”

Muitos países africanos mantiveram parcerias através de dificuldades reais: golpes de Estado na região, agitação social e desafios económicos.

Os exercícios Flintlock ultrapassam barreiras linguísticas e de governação em situações de ameaças terroristas. As democracias aprofundam-se de forma preventiva; os combatentes constroem de forma sustentável. O Flintlock, desde 2022, tem contado com uma participação estável dos países, apesar de algumas desistências do Sahel. Na maioria dos casos, os interesses nacionais prevalecem sobre a política.

O Exercício Flintlock deste ano ajudou as forças armadas africanas a enfrentar grupos terroristas com ambições costeiras, encorajados pelos refúgios no Sahel. O Flintlock perdura porque as forças de segurança africanas o tornaram seu. □

SOBRE A AUTORA: Pearl Matibe é uma analista de segurança internacional nascida no Zimbábue, com especialização em cooperação de defesa entre os EUA e África e no reforço das capacidades militares. Apresenta o podcast The Shaka Spear, onde analisa a assistência em matéria de segurança entre os EUA e África, a cooperação de segurança, as parcerias do Comando dos EUA para África, as forças de operações especiais africanas e as ameaças terroristas em evolução. O seu trabalho inclui resumos sobre defesa e estudos analíticos para partes interessadas nas áreas da política e da segurança. Matibe é licenciada em Governo e Política Internacional e mestre em Segurança Internacional, com especialização em estudos de inteligência.





HOMENS, EM VEZ DE MÁQUINAS

Formação, Apoio Holístico e Orientação Desenvolvem o Capital Humano das SOF

EQUIPA DA ADF

Numa altura em que a tecnologia desempenha um papel cada vez mais importante nas missões das forças de operações especiais (SOF), os líderes continuam a acreditar que são os seres humanos, e não o equipamento, que fazem a diferença.

Operadores altamente treinados usam a sua coragem, ética e adaptabilidade para tomar decisões em fracções de segundo no campo de batalha. No meio da agitação provocada por ferramentas como a inteligência artificial (IA), os profissionais de segurança africanos enfatizam a importância de manter o “capital humano” no centro do planeamento das SOF.

“O factor determinante nas SOF é o pessoal, o ser humano,” o Major-General Mohamed Ali Barise, do Exército Nacional da Somália, disse na conferência Silent Warrior 2025, em Nairobi. “A forma como se treina, a forma como se doutrina, molda e instrui determinará o sucesso da missão.”

Mas qual é a melhor maneira de desenvolver estes operadores? Os especialistas acreditam que é uma combinação de selecção rigorosa, treino adaptativo, mentoria e apoio ao longo da carreira.

Processo de Selecção Superior

O treino das SOF é notoriamente extenuante. Os novos recrutas são levados aos seus limites físicos e psicológicos para os preparar para o combate. As unidades das SOF são conhecidas por terem as taxas de desistência mais elevadas nas forças armadas. Alguns grupos de elite formam apenas cerca de 10% dos candidatos.

Os famosos Recces, da África do Sul, por exemplo, têm de suportar um teste conhecido como o desafio supremo, que envolve caminhadas no deserto carregando blocos ou sacos de areia, juntamente com sobrevivência na selva e privação de sono. Os especialistas acreditam que as SOF não devem fugir a esta dureza. Na verdade, deve ser um símbolo de honra usado para atrair jovens dispostos a testar os seus limites.

“Levemos os agentes até um ponto, quase até ao limite, para que, quando chegarem ao terreno e atingirem esse mesmo ponto, não desistam,” disse o Coronel Charles Mugo, comandante adjunto do Comando das Forças de Operações Especiais do Quênia.

No Silent Warrior 25, uma conferência

Soldados das forças especiais da Costa do Marfim marcham em Grand Bassam durante um desfile para comemorar o Dia da Independência do país. REUTERS

anual das forças especiais, um comandante recordou uma situação em que uma unidade em patrulha na Somália foi emboscada e vários soldados ficaram separados do grupo. Passaram semanas a ter de sobreviver na selva, contando com o seu treino para se manterem vivos. O treino deve preparar os operadores das SOF para tais dificuldades, o comandante disse aos participantes.

As SOF não devem procurar apenas candidatos fisicamente aptos, mas também aqueles que sejam mentalmente resistentes, criativos na resolução de problemas e líderes.

“Analisemos o processo de recrutamento,” disse Mugo. “Recrutemos voluntários que compreendam a natureza do trabalho que irão enfrentar.”

Treino Progressivo

O Coronel Jérôme Francis Nko’o Ella, comandante da Operação Alpha do Bataillon d’Intervention Rapide (BIR), a unidade de elite dos Camarões, conhece bem a importância das unidades das SOF altamente treinadas. O seu país enfrenta terrorismo e banditismo no extremo norte, separatistas no oeste e pirataria ao longo da costa, o que

significa que os operadores do BIR devem estar preparados para lidar com diversos tipos de terreno e conjuntos de problemas. Para refrescar as competências e manter a agilidade, os operadores do BIR regressam a cada dois anos para receber formação adicional, a fim de adquirir novas capacidades e assumir novas responsabilidades.

Nko’o Ella disse que esta ênfase na formação é importante. “Noutras partes do mundo, dão ênfase à tecnologia e ao equipamento; em África, não temos os mesmos recursos financeiros, por isso, precisamos de dar ênfase à formação dos soldados em vez de ao equipamento,” disse à ADF durante o Silent Warrior. Acrescentou que é necessário trabalhar com parceiros externos, para que a formação que ministram seja progressiva. Isso significa que, cada vez que um parceiro estrangeiro vem ministrar formação, esta se baseia no que foi aprendido anteriormente. Em última análise, isso resulta num modelo de “formação de formadores” que desenvolve a capacidade interna dos Camarões.

“Nós, os destinatários da formação, devemos sentir que estamos realmente a melhorar as nossas capacidades. Com o tempo, ficamos mais bem organizados,” afirmou.



À esquerda: Um membro das Forças Especiais tunisinas pede a evacuação de uma vítima simulada durante o exercício Leão Africano em Bizerte. FORÇAS ARMADAS DA TUNÍSIA

Abaixo: Novos membros demonstram táticas de campo durante uma cerimónia de formatura no Aeródromo Militar de Baledogle, na Somália. SEGUNDO SARGENTO ENRIQUE BARCELO/FORÇA AÉREA DOS EUA





Acima: Um atirador do Bataillon d'Intervention Rapide dos Camarões monta guarda enquanto o seu pelotão patrulha durante o Exercício Flintlock 2025 em Daboya, Gana.

SEGUNDO SARGENTO JAKE CARTER/FORÇA AÉREA DOS EUA

À direita: Um soldado das Forças Especiais da Costa do Marfim participa no Exercício Flintlock 2025.

SEGUNDO SARGENTO ZACHARY WRIGHT/FORÇA AÉREA DOS EUA



“Os formadores externos também precisam de saber que, cada vez que vêm, estão a obter mais em termos de aumento de capacidades.”

Os melhores módulos de formação têm um ciclo de feedback rápido que utiliza a experiência de combate para actualizar a instrução. Por vezes designado por formação adaptativa ou tentativa e erro, mantém as tácticas, técnicas e procedimentos das SOF actualizados em relação ao que os adversários estão a fazer.

Os líderes das SOF acreditam que a melhor forma de o conseguir é adicionando capacidade de formação local e auto-sustentável nos países africanos. Um exemplo é a Academia Internacional de Combate ao Terrorismo da Costa do Marfim, inaugurada em 2021. Esta oferece 19 programas de treino de forças especiais baseados nos desafios reais enfrentados pelas SOF da África Ocidental.

“Para termos um treino adequado ao contexto de segurança africano, precisamos de olhar para as realidades africanas,” aconselhou Mugo. “Que o nosso treino se baseie nas realidades que enfrentamos no contexto de segurança africano e que todos adaptemos o nosso treino em função do que estamos a viver nos países. A análise de ameaças deve orientar-nos.”

Mugo acredita que o melhor treino decorre de uma doutrina bem elaborada que permita que as unidades das forças especiais da Marinha, da Força Aérea, do Exército, bem como o pessoal policial, trabalhem em conjunto. Esta doutrina, de acordo com as melhores práticas, deve ser actualizada pelo menos a cada cinco anos.

“Todos estes desafios enfrentados no treino das SOF têm origem principalmente na doutrina,” afirmou Mugo. “Se tivermos uma boa doutrina, uma doutrina comum para os operadores especiais, seremos capazes de ter bons líderes.”

Mentoria

Os militares reconhecem que o melhor treino pode não acontecer na sala de aula ou no campo de tiro. Algumas das forças de combate mais eficazes consideram agora a mentoria um pilar estratégico no desenvolvimento do quadro de oficiais.

“Seja nos quartéis, nas academias militares ou em missões de manutenção da paz, os comandantes experientes estão cada vez mais a orientar os oficiais subalternos não só em tácticas, mas também em ética, diplomacia e na natureza em evolução da liderança nas zonas de conflito

Um Modelo para Apoiar o Combatente

À medida que os líderes procuram apoiar o capital humano das SOF, um modelo utilizado pelas forças armadas e grandes organizações a nível global pode ser útil. Este quadro de identificação de soluções para problemas organizacionais complexos é conhecido por uma sigla — DOTMLPFI — que pode ser útil para concentrar esforços. Significa:

1. **Doutrina:** estes princípios fundamentais, oficialmente sancionados, orientam a forma como as forças militares se organizam, treinam e utilizam as suas capacidades para alcançar os objectivos de segurança nacional. A doutrina é um quadro de acção comum que evolui constantemente. Quando a doutrina não está alinhada com as realidades da missão, os operadores têm dificuldade em ter sucesso.
2. **Organização:** é assim que as forças combatem em unidades dentro de uma estrutura de comando. Apoiar o desenvolvimento do capital humano significa oferecer aos operadores percursos de carreira claros e promoções baseadas no mérito dentro da sua organização.
3. **Formação:** na melhor das hipóteses, o treino das SOF incorpora lições aprendidas e adapta-se às realidades no terreno. Deve também estar voltado para o futuro, de modo a antecipar as táticas do inimigo. O melhor treino é progressivo, em vez de repetitivo. É também auto-sustentável, liderado por formadores e instituições nacionais.
4. **Material:** os operadores das SOF estão a adoptar rapidamente novas armas e ferramentas de alta tecnologia para enfrentar adversários obscuros e assimétricos. No entanto, dizem os veteranos das SOF, o melhor equipamento não é necessariamente o mais avançado, mas aquele que pode ser mantido de forma consistente no terreno e reparado quando necessário.
5. **Liderança:** a liderança das SOF exige coragem moral, disciplina e a capacidade de tomar decisões rápidas no meio da confusão da guerra e aceitar a responsabilidade por elas. À medida que as unidades das SOF procuram desenvolver líderes, promovem cada vez mais relações de mentoria intergeracional.
6. **Pessoas:** desenvolver capital humano significa apoiar os guerreiros fora do campo de batalha. Isso requer apoiar as suas famílias, as suas aspirações profissionais e a sua saúde física e mental.
7. **Instalações:** operadores eficazes são forjados em bases, quartéis, campos de treino e instituições de ensino superior. Para apoiar o seu capital humano, as SOF devem dispor de instalações adequadas.
8. **Interoperabilidade:** à medida que as ameaças atravessam fronteiras, torna-se cada vez mais importante que as SOF sejam interoperáveis com um vasto leque de parceiros de segurança. Isso inclui forças de outros países, os ramos das suas próprias forças armadas e outras agências de segurança nacionais.

Membros das Forças Especiais da Nigéria descem de corda rápida de um helicóptero durante uma demonstração militar da Cimeira das Forças Terrestres Africanas no Quartel-General Ao Azazi, em Gwagwalada, na Nigéria. AFP/GETTY IMAGES





A Unidade de Reconhecimento das Forças da Serra Leoa e a Força Conjunta da Guarda Presidencial participam num Treino de Intercâmbio Conjunto Combinado em Freetown.

SEGUNDO SARGENTO AMBER LITTERAL/FORÇA AÉREA DOS EUA



Um soldado das Forças Especiais da Costa do Marfim prepara-se para um exercício de resgate de reféns em Abidjan. REUTERS

africanas modernas,” King Richard Igimoh escreveu para o site African Defence & Security.

Quando os jovens operadores das SOF são lançados em ambientes complexos e em rápida mudança, a mentoria pode ser uma força estabilizadora. Promove a transferência de conhecimento intergeracional, reforça a ética e constrói o espírito de corpo.

Mais de 12 países africanos têm programas formais de mentoria, com 62% dos oficiais subalternos a citar a mentoria como chave para a promoção, informou o African Defence & Security.

Entre os países que estabeleceram programas de mentoria com sucesso estão:

- A Força de Defesa do Ruanda, que designa comandantes seniores para cadetes na formatura, que trabalham com eles durante cinco anos.
- As Forças Armadas do Gana, que designam um oficial mentor em cada batalhão responsável por emparelhar mentores com novos tenentes e capitães.
- No Quênia, a mentoria faz parte da Escola de Ética Militar e Liderança, com especial ênfase em garantir que os oficiais em missões de manutenção da paz sejam emparelhados com mentores. As Forças de Defesa do Quênia organizam fóruns após as missões para recolher lições aprendidas e oferecem apoio aos oficiais que regressam.

Outra componente fundamental é o desenvolvimento dos suboficiais (NCO), responsáveis por treinar e manter uma força pronta para a missão e por executar estratégias que têm origem no corpo de oficiais. Na maioria das forças armadas, um novo recruta dependerá de um suboficial para o treino básico, instrução em exercícios e cerimónias, e para manter a ordem e a disciplina.

Um coronel ganês captou a importância da prática quando disse ao site African Defence & Security: “As patentes desvanecem-se, as medalhas enferrujam, mas as

lições transmitidas de um soldado para outro — esse é o legado que perdura.”

SOF do Futuro

À medida que os líderes das SOF se preparam para o futuro, procuram formas de apoiar a saúde e o bem-estar dos combatentes. A melhoria das taxas de retenção pode ser feita através de programas que garantam promoções baseadas no mérito e incentivos para que os operadores continuem a sua formação e adquiram competências essenciais. Unidades eficazes das SOF também se concentram em apoiar a vida familiar e a saúde mental dos operadores.

Mas, à medida que a formação das SOF se adapta a novas ameaças e novas tecnologias, os especialistas acreditam que os operadores devem manter-se focados no que os torna únicos: o seu conhecimento, os seus valores e a sua adaptabilidade.

“A guerra é um empreendimento humano,” o vice almirante aposentado dos EUA, Collin Green, da DZYNE Technologies, disse no Silent Warrior, observando que, na sua melhor forma, as SOF são o “tecido conjuntivo” das forças armadas, com conhecimentos regionais, compreensão cultural e competências linguísticas. Isso advém da presença no terreno em áreas disputadas, e “isso não vai desaparecer,” afirmou Green.

À medida que se traça um caminho para o futuro, os líderes exortam as SOF a reforçarem os seus valores fundamentais.

“O operador das SOF deve estar bem treinado e preparado como uma máquina de combate, mas o valor vai além disso,” considerou Barise, da Somália. “É a ideologia, a doutrina, a razão pela qual vestem o uniforme. É a forma como conduzem a operação, o espírito em que acreditam, a integridade, o profissionalismo, a coragem. Estes são os factores determinantes para um soldado ser um soldado.” □

Representação artística
do PV43-M NVL EGIPTO

Subsidiária Egípcia Produz Navios de Patrulha

EQUIPA DA ADF

A subsidiária egípcia iniciou a produção de 10 navios de patrulha de alta tecnologia para a Marinha Egípcia, a serem utilizados para vigilância e defesa.

A NVL Egypt, uma subsidiária da empresa alemã Naval Vessels Lürssen, está a construir 10 navios de patrulha PV43-M para a Marinha. A NVL Egypt foi fundada em 2022. A empresa afirmou que a produção teve início no final de 2025, após ter sido seleccionada como a principal fornecedora dois anos antes.

O PV43 é um navio de patrulha offshore com 43 metros de comprimento, concebido para vigilância marítima, resposta a emergências e protecção de activos. Pode ser equipado com armas de grande calibre e mísseis antinavio, de acordo com a plataforma defenceWeb.

“Este programa representa um marco estratégico no reforço das forças navais do Egipto, visto que 10 navios de última geração serão construídos inteiramente no Egipto, em cooperação com o Estaleiro de Alexandria e com o apoio técnico da empresa-mãe alemã NVL,” a empresa disse num comunicado de imprensa.

“Ao mesmo tempo, o programa contribuirá significativamente para o desenvolvimento da indústria naval nacional do Egipto, através da transferência de tecnologia e da localização de conhecimentos especializados.”

A empresa afirmou que também está a desenvolver serviços de manutenção, peças sobressalentes, formação e apoio técnico. O objectivo é garantir a prontidão e a sustentabilidade a longo prazo.

O Egipto possui uma das maiores marinhas de África. A sua frota de cerca de 140 navios inclui oito submarinos e 42 barcos de patrulha offshore, de acordo com um relatório de 2024 da Business Insider Africa. Conta com um efectivo estimado de 32.500 elementos.

O PV43-M baseia-se num OOB-31 croata, que normalmente está armado com um canhão de 30 mm, duas metralhadoras de 12,7 mm controladas manualmente e mísseis terra-ar. O navio tem capacidade para 16 tripulantes e pode permanecer no mar durante 10 dias. A sua velocidade máxima é de cerca de 28 nós, com uma velocidade de cruzeiro ideal de 15 nós.

A Lürssen forneceu ao Egipto várias embarcações, incluindo nove navios de patrulha de 40 metros e um único navio de defesa costeira de 60 metros há cinco anos. O Egipto colaborou com a NVL em vários projectos, incluindo o CC-60, um navio de 60 metros equipado com radar 3D, medidas de guerra electrónica e um vasto conjunto de armamento, segundo noticiou a defenceWeb. O CC-60 também possui capacidades de guerra anti-submarina e pode acomodar drones e helicópteros ligeiros.

ANGOLA Adquire Aeronaves de Vigilância

EQUIPA DA ADF

A Força Aérea Angolana recebeu três aeronaves de vigilância marítima C295 da Airbus para serem utilizadas em operações de busca e salvamento, controlo do tráfego marítimo e outras funções.

As autoridades angolanas afirmam que as aeronaves também serão equipadas e utilizadas para recolher informações e monitorizar a pesca ilegal.

A Força Aérea encomendou as três aeronaves em 2018, num custo de 188 milhões de dólares, de acordo com a defenceWeb. Segundo consta, um foi construído numa configuração de transporte e os outros dois foram configurados para vigilância marítima. As aeronaves de vigilância dispõem de sistemas de aviónica táctica que incluem radar de busca, sensores electroópticos e detectores de anomalias. As armas podem incluir torpedos, mísseis, minas e cargas de profundidade.

O Airbus C295 é uma aeronave de transporte táctico

turbopropulsor bimotora de médio alcance, concebida e inicialmente fabricada pela empresa aeroespacial espanhola, CASA. A Airbus afirma ter vendido 230 unidades em todo o mundo.

A aeronave tem 25 metros de comprimento e uma envergadura de 26 metros. Possui asas montadas na parte superior para máxima visibilidade, foi concebida para condições adversas e pode descolar e aterrar em pistas curtas.

A Força Aérea de Angola é composta principalmente por aviões de transporte e de carga, utilizados para o transporte de suprimentos, equipamento e pessoal dentro do país. “Muitas vezes, o papel principal da frota activa tem sido o transporte e a logística, vitais para ligar este vasto país,” relata o GlobalMilitary.net.

A Airbus afirma que outros países africanos que operam ou encomendaram a aeronave C295 são a Argélia, o Burquina Faso, a Costa do Marfim, o Egipto, a Guiné Equatorial, o Gabão, o Gana, o Mali e o Senegal.

Uma aeronave de vigilância
marítima C295 da Força Aérea
Angolana AIRBUS

Nigéria Faz Aquisição

Histórica de Caças

EQUIPA DA ADF

A Nigéria está a trabalhar para adquirir 24 caças M-346FA e 10 helicópteros AW-109 da Itália, um negócio histórico que sinaliza uma grande modernização do seu poder aéreo.

O negócio de 1,4 bilhões de dólares com a empresa de defesa Leonardo inclui formação, peças sobressalentes e serviços de apoio para a manutenção da frota. No início de 2026, seis dos M-346FA encontravam-se em fases avançadas de produção, com três ainda em testes de voo, informou a Business Insider Africa.

Fontes italianas afirmaram que, uma vez concluído, o acordo da Nigéria será o maior investimento em aquisições militares por parte de uma nação da África Ocidental, segundo noticiou o site The Defense Post.

A Nigéria decidiu adoptar sistemas italianos como parte do seu esforço de modernização táctica aérea em 2021 quando algumas das suas aeronaves estavam a ficar obsoletas. Em Outubro de 2024, representantes nigerianos inspecionaram os primeiros seis caças do pacote de aeronaves na Itália e verificaram o estado da produção, um plano de entrega e a abertura de um centro de manutenção na Nigéria para prestar apoio de assistência à frota que está a chegar.

Os caças ajudarão a reforçar a presença aérea da Nigéria, principalmente na sua luta contínua contra grupos terroristas. O país enfrenta uma insurgência que já dura anos no Nordeste, além de bandidos no Noroeste e agitação no Cinturão Médio do país.

Os caças bimotores M-346 são utilizados como aviões de treino avançado e de combate ligeiro. As aeronaves compactas têm 11,5 metros de comprimento e uma envergadura de 9,7 metros. Têm uma autonomia de cerca de 1.900 quilómetros.

Os helicópteros serão utilizados, em parte, para melhorar o apoio logístico.



Um jacto de treino Leonardo M-346 GETTY IMAGES



O drone Autono1 da AutonoSky AUTONOSKY

África do Sul Adquire Drones de Fabrico Local

DEFENCEWEB

O exército sul-africano prepara-se para receber novos drones de asa fixa e rotativa para missões que incluem a protecção das fronteiras.

O exército irá adquirir os drones, em parte, à AutonoSky, sediada na Cidade do Cabo, fundada em 2020 para produzir sistemas aéreos para organizações de resgate, combate a incêndios e segurança. A empresa de defesa desenvolve internamente aeronaves completas, electrónica e software de IA. Fornece drones e outros equipamentos aos sectores da defesa, logística e industrial.

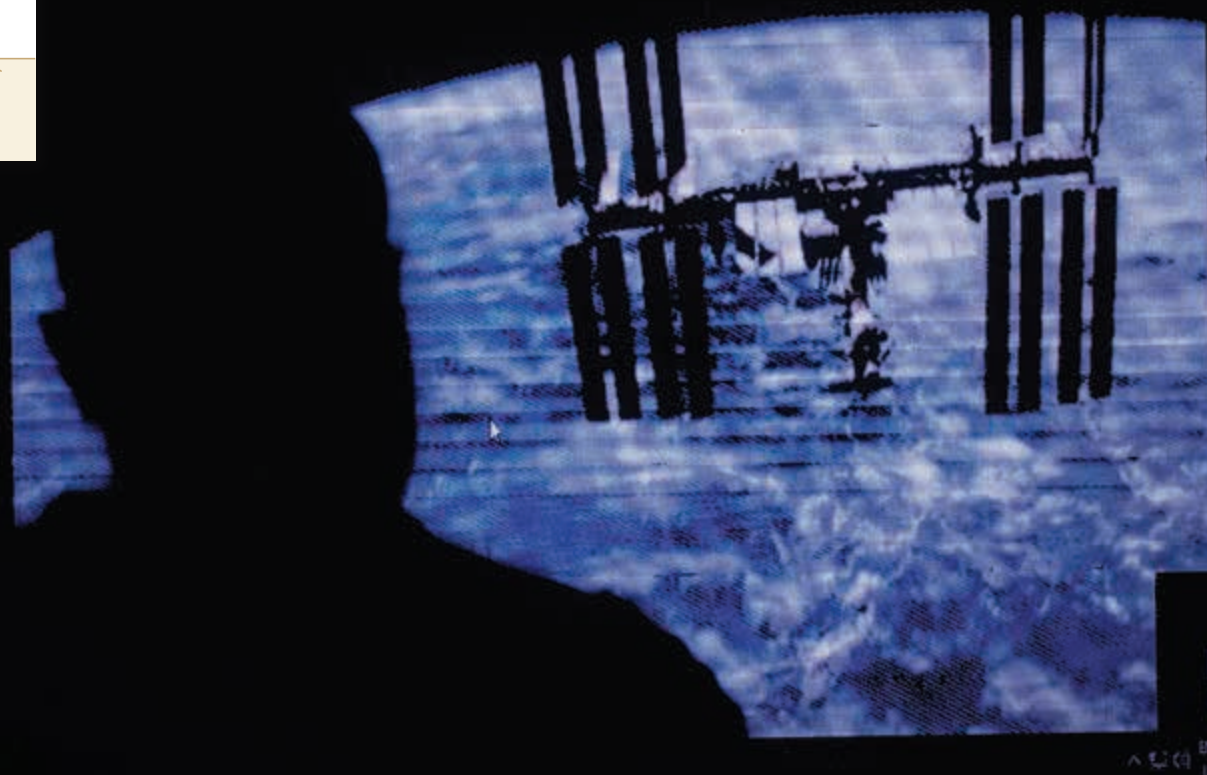
A AutonoSky fabrica o drone multirrotor de carga pesada Autono1, que tem uma carga útil máxima de 30 quilogramas e um tempo de voo de cerca de uma hora. O drone foi integrado com múltiplas cargas úteis especiais, incluindo sensores de detecção de incêndios e sistemas electroópticos avançados.

A AutonoSky também está a expandir o seu portfólio para incluir uma nova classe de plataformas de asa fixa de descolagem e aterragem verticais, baseadas em propriedade intelectual sul-africana. Estas contarão com sensores especiais e uma arquitectura de carga útil modular, permitindo retransmissões de comunicações. A empresa afirmou que a nova plataforma dará à "África do Sul uma opção de desenvolvimento próprio numa categoria tradicionalmente dominada por fornecedores estrangeiros."

A AutonoSky apresentou o A22 Manqoba, um drone multirrotor táctico e dobrável, construído para missões de inteligência, vigilância e reconhecimento; segurança de fronteiras; e missões de resposta rápida. O A22 tem uma capacidade de carga útil táctica de 6 a 8 quilogramas.

O exército está a adquirir drones multirrotores e aeronaves de asa fixa com uma envergadura de 3 metros. A aquisição inclui formação, apoio e manutenção. O exército está a analisar os requisitos específicos de cada uma das suas fronteiras terrestres antes de destacar as aeronaves para a segurança fronteiriça.

As autoridades sul-africanas afirmaram que os drones são necessários para a resposta a catástrofes, segurança de fronteiras e segurança de eventos. Redes de crime organizado ao longo das fronteiras, particularmente em Moçambique e no Zimbabwe, possuem os seus próprios drones, afirmaram oficiais do Exército.



Iniciativa dos EUA Apoia PROGRAMAS ESPACIAIS AFRICANOS

EQUIPA DA ADF

Os Estados Unidos anunciaram uma nova iniciativa para trabalhar com países africanos no sentido de reforçar as capacidades espaciais, melhorar o acesso à tecnologia e promover o desenvolvimento.

A primeira reunião de formação técnica e regulamentar espacial EUA-África teve lugar em Dezembro de 2025. Várias reuniões adicionais tiveram lugar na antecipação da Conferência NewSpace Africa, em Abril de 2026, em Libreville, Gabão.

O embaixador Jonathan Pratt, que trabalhava no Departamento de Estado dos EUA, disse que o programa visa apoiar as nações africanas na criação e financiamento de programas nacionais independentes que se conectem com outros programas espaciais em todo o mundo. De acordo com o Departamento de Estado, isso ajudará as nações a navegarem pelas complexas dimensões legais e comerciais da actividade espacial.

“Os Estados Unidos pretendem capacitar as nações africanas para criarem programas espaciais de propriedade local, financeiramente sólidos e alinhados internacionalmente — que não sejam dependentes, opacos ou controlados por actores externos,” afirmou o Departamento de Estado dos EUA.

A reunião de 2025 representou o primeiro passo no reforço da diplomacia espacial dos EUA em África,

cujos países contam agora com cerca de 70 satélites em órbita. Representantes de Angola, Botswana, Djibouti, Egito, Etiópia, Gabão, Quênia, Maurícias, Namíbia, Nigéria, Ruanda e Senegal participaram na reunião inaugural.

O primeiro nanosatélite do Quênia (CubeSat) foi lançado a partir da Estação Espacial Internacional em 2018. Os países africanos contam agora com cerca de 70 satélites em órbita.

AFP/GETTY IMAGES

Um outro desenvolvimento nas relações espaciais entre os EUA e África ocorreu em Julho de 2025, quando o Senegal se tornou o quarto país africano e o 56.º país no total a assinar os Acordos de Artemis. Este conjunto de princípios não vinculativos solicita que os países se comprometam a promover a exploração e utilização espacial civil de forma pacífica, transparente e sustentável. O Senegal junta-se a Angola, Nigéria e Ruanda como signatários.

“A adesão do Senegal aos Acordos de Artemis reflecte o nosso compromisso com uma abordagem multilateral, responsável e transparente em relação ao espaço,” Maram Kairé, director-geral da Agência Espacial do Senegal, disse numa cerimónia de assinatura na sede da NASA. “Esta assinatura marca um passo significativo na nossa diplomacia espacial e na nossa ambição de contribuir para a exploração pacífica do espaço exterior.”



AUTORIDADE DE GESTÃO DE FRONTEIRAS DA ÁFRICA DO SUL

Estabelece Parcerias com o Sector Tecnológico e de Defesa

EQUIPA DA ADF

A Autoridade de Gestão de Fronteiras da África do Sul (BMA) estabeleceu uma parceria com empresas de defesa de alta tecnologia para reforçar a segurança em duas das passagens fronteiriças mais movimentadas do país.

As empresas implementaram um conjunto integrado de tecnologias de vigilância, mobilidade e protecção nas passagens fronteiriças de Beitbridge, no Zimbabwe, e Lebombo, em Moçambique, durante a época de viagens de férias que teve início em Dezembro de 2025. A parceria público-privada foi um projecto-piloto para demonstrar o que é possível quando o governo trabalha com os sectores da defesa e da tecnologia.

“Esta colaboração representa um modelo crescente de parceria tecnológica entre a África do Sul e o mundo,” afirmaram as empresas, conforme noticiado pela defenceWeb. “Estas capacidades irão reforçar os relatórios situacionais em tempo real, melhorar a documentação de incidentes e permitir níveis mais elevados de transparência operacional em todo o ambiente fronteiriço.”

Entre os parceiros do sector privado, a DCD Protected Mobility forneceu dois veículos de transporte de pessoal Springbuck para patrulha e um veículo todo-o-terreno para condução em terrenos acidentados. A Unipro Protective Wear forneceu sistemas de câmaras corporais capazes de desempenhar funções analíticas, incluindo reconhecimento facial e de matrículas. A Snode Technologies forneceu tecnologia de segurança cibernética, e a A2D Geoscan e a Battlecopter forneceram veículos aéreos não tripulados.

A iniciativa foi considerada um sucesso. Entre 10 de Dezembro de 2025 e 15 de Janeiro de 2026, as autoridades processaram mais de 4,9 milhões de viajantes e interceptaram 26.852 pessoas que tentavam entrar ilegalmente no país. As autoridades também detiveram 81 pessoas por crimes graves, incluindo posse de veículos roubados, armas de fogo ilegais, drogas e explosivos. O Comissário da Autoridade, Dr. Michael Masiapato, disse que as operações tinham como objectivo dismantelar redes criminosas, enquanto facilitavam o comércio e as viagens legítimas.

“A mensagem é clara: as fronteiras da África do Sul já não são alvos fáceis,” afirmou Masiapato. “Através da inovação, de parcerias sólidas e de uma aplicação da lei decisiva, a BMA continuará a proteger a soberania da República, a integridade das suas fronteiras e a segurança do seu povo.”

Peões e veículos atravessam a passagem fronteiriça de Lebombo, que separa Moçambique da África do Sul.

AUTORIDADE DE GESTÃO DE FRONTEIRAS DA ÁFRICA DO SUL

RESILIO AFRICA

Ajuda as Comunidades a Defenderem-se de Ataques Cibernéticos

EQUIPA DA ADF

A medida que os criminosos cibernéticos têm como alvo empresas e instituições governamentais africanas, a Fundação CyberSafe está prestes a lançar o Resílio Africa, um projecto de três anos concebido para reduzir o risco de ataques cibernéticos nas comunidades.

O projecto, apoiado pela Google, visa tornar as comunidades e as instituições locais mais fortes e seguras no espaço digital.

O Resílio Africa ajudará 200 instituições comunitárias críticas (CCI), fornecendo-lhes ferramentas técnicas gratuitas, avaliações de segurança cibernética, informações sobre ameaças e apoio na resposta a incidentes. Espera-se que o programa proteja mais de 2 milhões de pessoas e proteja mais de 15 milhões de registos públicos no Gana, Quênia, Nigéria e África do Sul. Trata-se de um dos maiores projectos de segurança cibernética centrados na comunidade do continente.

“A transformação digital de África não pode ser bem-sucedida se as nossas comunidades continuarem vulneráveis,” disse Confidence Staveley, fundadora e directora-executiva da Fundação CyberSafe, sediada em Lagos, na Nigéria. “Com o apoio da Google.org, estamos a expandir um modelo comprovado que ajudará instituições críticas a tornarem-se resilientes, a protegerem as pessoas a quem prestam serviços e a preservarem a confiança nos sistemas públicos digitais.”

A Resílio Africa fornecerá às CCI ferramentas técnicas e avaliações de segurança cibernética, manuais personalizados e estruturas de resposta a incidentes. Os formadores oferecerão mais de 10.000 horas de consultoria gratuita em segurança cibernética. Eles irão fornecer formação em segurança cibernética em vários níveis para executivos, equipas de TI e pessoal em geral, e formação para mais de 4.500 funcionários nos quatro países.

Especialistas em segurança cibernética alertam que as instituições em toda a África estão vulneráveis. Os ataques de ransomware contra repartições públicas, instituições de saúde

e empresas estão a aumentar. As agências de segurança nacional do Quênia identificaram mais de 114 ataques cibernéticos direccionados a instituições comunitárias nos primeiros oito meses de 2024, seguidos de um aumento de 201% nos ataques no primeiro trimestre de 2025.

A Fundação CyberSafe afirma que, sem apoio, os incidentes cibernéticos podem perturbar serviços públicos essenciais, expor dados confidenciais e causar danos digitais e físicos a milhões de pessoas. Desde 2019, a fundação já alcançou mais de 30 milhões de pessoas, formou mais de 70.000 pessoas e ajudou mais de 4.000 pequenas empresas a reforçarem a sua segurança cibernética.

“Acreditamos que o acesso a sistemas digitais seguros é a pedra angular do crescimento inclusivo,” afirmou Haviva Kohl, gestora sénior de programas da Google.org.



Um novo programa, o Resílio Africa, ajudará a defender 200 instituições comunitárias críticas em quatro países africanos contra ataques cibernéticos.



Exército Nigeriano Reformula a Formação com a Evolução das Ameaças

EQUIPA DA ADF

O exército nigeriano está a lançar um plano ambicioso para reformar a sua formação e as suas estruturas operativas e administrativas. O plano foi anunciado pelo Tenente-General W. Shaibu, Chefe do Estado-Maior do Exército, durante a sua conferência anual em Lagos, em Dezembro de 2025. O objectivo é melhorar o profissionalismo, a prontidão para o combate e a adaptabilidade.

Shaibu afirmou que o treino deve ser orientado para a missão e gerar eficácia operacional e sucesso no campo de batalha. As reformas incluirão uma revisão abrangente dos currículos em todas as instituições de treino do exército nigeriano.

“Vocês desempenham um papel fundamental na formação da competência, mentalidade e resiliência dos nossos oficiais e soldados,” Shaibu disse aos participantes da Semana de Formação de Oficiais de Treino da Divisão, em Jos. “A liderança no campo de batalha está directamente ligada à qualidade do treino que concebem, supervisionam e aplicam.”

Shaibu afirmou que o Exército irá adquirir novo hardware e software para modernizar o treino. Comprometeu-se também a melhorar o bem-estar das tropas e prometeu construir novas habitações para o Exército em todo o país.

Shaibu afirmou que será dada ênfase ao treino do pessoal das Forças Especiais e da Aviação do Exército. O jornal The Nation noticiou que estas

Soldados nigerianos a servir na Força-Tarefa Conjunta Multinacional cantam durante o treino no Quartel-General do Sector 3, no Estado de Borno. AFP/GETTY IMAGES

medidas visam acompanhar um ambiente de segurança que se está a tornar mais complexo e que requer “capacidades reforçadas em inteligência, vigilância, aquisição de alvos, reconhecimento e operações cibernéticas.”

As ameaças que a Nigéria enfrenta incluem terrorismo, banditismo e violência intercomunitária. Em Dezembro de 2025, o Presidente da Nigéria, Bola Tinubu, revelou uma nova doutrina de combate ao terrorismo que classifica todos os grupos armados que operam fora da autoridade do Estado como terroristas, incluindo bandidos, milícias, gangues armadas e os seus facilitadores políticos ou comunitários.

Espera-se que a reforma seja liderada pelo Quartel-General do Exército, através do Departamento de Formação. Shaibu referiu que uma formação robusta constitui a “primeira linha de defesa” da nação.

“A formação deve fomentar mentalidades curiosas e adaptáveis,” recomendou Shaibu. “Os nossos oficiais e soldados devem estar preparados para aprender, desaprender e reaprender de acordo com as exigências tácticas e operacionais em constante mudança.”



EQUIPAS DE SALVAMENTO DO QUÊNIA RESPONDEM A DESLIZAMENTOS DE TERRA

EQUIPA DA ADF

QUANDO INUNDAÇÕES REPENTINAS E DESLIZAMENTOS DE TERRA

atingiram o oeste do Quênia, o pessoal das Forças de Defesa do Quênia integrou uma equipa interagências que conduziu operações de busca e salvamento. A operação de Novembro de 2025 em Chesongoch centrou-se no resgate de sobreviventes, na recuperação dos corpos das vítimas e na assistência médica de emergência.

A chuva de 1 de Novembro deixou a região inacessível por via terrestre. Os deslizamentos de lama destruíram cerca de 1.000 casas e mataram mais de 30 pessoas. Entre as equipas de primeira intervenção estavam as equipas da

Unidade de Resposta Rápida da Força Aérea do Quênia, a Cruz Vermelha do Quênia, o pessoal do Eldoret Moi Teaching and Referral Hospital, o Serviço Nacional de Polícia e voluntários locais.

Durante os dois primeiros dias da operação, as autoridades transportaram por via aérea 29 feridos para tratamento e recuperaram 22 corpos.

“Esta tragédia lembra-nos realmente que devemos ter cuidado durante esta estação chuvosa, principalmente ao longo do vale, desde Samburu até West Pokot,” afirmou Kipchumba Murkomen, secretário de Estado do Interior. “Quero pedir à nossa população que esteja atenta; queremos pedir-lhes que se dirijam a terrenos mais elevados e evitem áreas propensas a deslizamentos de terra.”

Chesongoch já foi atingida por deslizamentos de terra no passado devido à sua topografia montanhosa. Dezenas de pessoas morreram em deslizamentos de terra em 2010 e 2012, informou a Al Jazeera. As inundações arrasaram um centro comercial em 2020.

O governo anunciou planos para ajudar a reassentar as pessoas longe das zonas de inundação e construir casas em áreas que sejam “geologicamente estáveis.”

“Quero pedir às pessoas que continuem a unir esforços e a apoiar-se mutuamente em solidariedade, mesmo enquanto estendemos a mão aos enlutados e àqueles que ainda procuram os seus entes queridos,” disse Murkomen.

Soldados das Forças de Defesa do Quênia transportam uma vítima de deslizamentos de terra em Chesongoch. KDF

Desafio Guelwaar Põe à Prova Tropas Senegalesas

EQUIPA DA ADF

Num evento inédito, as Forças Armadas do Senegal realizaram uma competição para 20 unidades das forças terrestres em oito desafios físicos. O Desafio Guelwaar incluiu competições de corrida de resistência, pista de obstáculos, tiro tático, primeiros socorros em combate, orientação, táticas e natação.

Os organizadores criaram o evento, cujo nome em Wolof se traduz como “o nobre,” para elevar os padrões de excelência e aptidão física entre os soldados rasos.

“O desporto ocupa um lugar fundamental nas forças armadas em geral e no Exército em particular na preparação operacional das unidades,” o General Simon Ndour, chefe do Estado-Maior do Exército, disse na cerimónia de abertura, no dia 17 de Novembro de 2025.

Ndour disse que competições como o Guelwaar podem incentivar as tropas a melhorar o seu desempenho em tarefas militares.

“Desenvolve a condição física necessária para o combate, reforça a coesão da unidade e promove os valores que caracterizam um bom soldado, como disciplina, coragem, respeito e esforço,” afirmou Ndour.

Após quatro dias de competição extenuante realizada



Vencedores do Guelwaar Challenge, uma competição militar concebida para testar as capacidades físicas das tropas, recebem um troféu. DIRPA

em Thies, no Centro de Treino Tático Mbaye Diagne, o batalhão de Comandos conquistou o primeiro lugar, seguido pelos Pára-quedistas e pelo batalhão Blindado.

“Convido todos vós a levar convosco o espírito desta competição todos os dias, buscando a excelência, a solidariedade e a fraternidade,” Ndour disse nas cerimónias de encerramento.

ONU Promove Iniciativa de Paz da União Africana

EQUIPA DA ADF

O secretário-geral das Nações Unidas apelou à tomada de medidas para dar prioridade à manutenção da paz em África, incluindo a promoção da iniciativa “Silencing the Guns” (Silenciar as Armas), da União Africana.

O Secretário-Geral, António Guterres, fez a recomendação na sede da ONU em Nova Iorque, após a nona conferência entre o organismo global e a UA.

“A cooperação entre as nossas organizações nunca tinha sido tão forte — nem tão necessária,” Guterres disse numa conferência de imprensa ao lado do presidente da Comissão da UA, Mahmoud Ali Youssouf. “O nosso mundo está em turbulência, abalado por conflitos mortíferos, desigualdades crescentes, caos climático e tecnologias descontroladas. Os impactos fazem-se sentir profundamente no continente africano.”

Guterres afirmou que os parceiros estão a trabalhar em estreita colaboração em programas de manutenção da paz, incluindo a iniciativa de paz da UA. O programa Silencing the Guns in Africa é um programa emblemático que visa pôr fim a todos os conflitos, actos de violência e violência de género, enquanto promove a paz e o desenvolvimento em todo o continente. O programa foi lançado em 2013 com uma meta para 2020, mas o prazo foi alargado até 2030. Centra-se em abordar as causas profundas da instabilidade, através do desarmamento, do diálogo político e do desenvolvimento socioeconómico.

A UA tem um plano de paz denominado Roteiro-Mestre

de Lusaka, adoptado em 2016. Este fornece um quadro para abordar as causas dos conflitos, centrando-se em cinco áreas interligadas: governação política, desenvolvimento económico, coesão social, sustentabilidade ambiental e paz e segurança. O grupo de investigação Amani Africa afirma que o roteiro “enfatiza o reforço dos mecanismos de prevenção e resolução de conflitos, o avanço da reconstrução pós-conflito, a abordagem da governação e dos factores económicos que impulsionam os conflitos, a promoção da democracia e do Estado de direito e a redução da proliferação de armas ilícitas.”

Guterres afirmou que apoia a atribuição de assentos permanentes a África no Conselho de Segurança da ONU, “corrigindo de uma vez por todas uma injustiça intolerável enfrentada pelo continente africano.” Ele também salientou a necessidade de financiamento para o desenvolvimento e inovações, afirmando que o progresso do continente “é travado por um sistema financeiro global desactualizado e injusto.”

“O mundo não deve virar as costas à África, que abriga quase um quinto da humanidade,” disse o chefe da ONU, alertando que “o que está em jogo é demasiado importante. E o potencial é demasiado grande.”

Forças de manutenção da paz da União Africana montam um cordão de segurança durante um confinamento no dia das eleições na Somália. AFP/GETTY IMAGES





ONU Treina Polícia do Sudão do Sul para Investigar Cenas de Crime UNMISS

As forças de manutenção da paz das Nações Unidas treinaram agentes da polícia do Sudão do Sul em técnicas e competências de investigação. Os resultados foram imediatos, segundo os agentes.

“A ténue linha entre a justiça negada e a justiça feita é determinada pela investigação,” disse o suboficial sul-sudanês Michael Dhieu Malual após o programa de cinco dias.

Após concluir a formação ministrada por agentes de polícia que servem na missão de manutenção da paz no Sudão do Sul, conseguiu fazer justiça às vítimas de assaltos à mão armada. Um criminoso invadiu a casa de uma vítima a meio da noite, ameaçou os residentes com uma arma e fugiu com um saco de roupa e outros pertences.

“Os residentes informaram a polícia sobre o crime e isolaram a cena antes de marcar, fotografar e embalar as provas,” disse Dhieu. “Alguns dias depois, encontrámos o autor do crime a usar as mesmas roupas que tinha roubado e conseguimos que estas fossem identificadas pelo proprietário. Investigámos mais a fundo e conseguimos levar o caso com sucesso ao tribunal.”

Os membros da força de manutenção da paz dos EUA treinaram 31 agentes da polícia, da unidade de crimes fluviais e das equipas de trânsito e de investigação criminal.

“Conseguimos compreender a importância de uma abordagem meticulosa à investigação, incluindo como uma única impressão digital, um interrogatório cuidadoso ou uma cadeia de custódia bem documentada podem significar a diferença entre justiça feita e justiça negada,” disse Dhieu.

Os estudos de investigação dos agentes incluíram a preservação de locais de crime; o registo de provas; o interrogatório de vítimas, testemunhas e suspeitos; e a compilação de processos para acusação.

Para além das competências técnicas, os agentes também estudaram a lei, a importância de respeitar os direitos das vítimas e dos infractores e a necessidade de colaborar com os procuradores e outras agências.

Exploraram todos os aspectos do crime, desde a violência e o roubo até à fraude, ao crime cibernético e às infracções ambientais. Estudaram também abordagens de investigação, tais como tácticas proactivas, respostas reactivas, ciência forense e parcerias comunitárias.

Agentes da polícia do Sudão do Sul estudam técnicas de investigação com forças de manutenção da paz da Missão das Nações Unidas no Sudão do Sul.

UNMISS

Argélia Compromete-se a Apoiar a Luta Contra o Terrorismo

EQUIPA DA ADF

Uma responsável argelina prometeu o compromisso contínuo do seu país com a luta de África contra o terrorismo, afirmando que os extremistas são uma ameaça ao modo de vida do continente.

A Secretária de Estado junto do Ministro dos Negócios Estrangeiros, Salma Bakhta Mansouri, afirmou que a Argélia está a dar um contributo activo para promover a paz, a estabilidade e o desenvolvimento sustentável em África. Mansouri falou em Dezembro de 2025, em Argel, num workshop consultivo de especialistas sobre o projecto de Plano de Acção Estratégico para o Combate ao Terrorismo.

Ela afirmou: “o terrorismo já não é um fenómeno temporário nem se limita a áreas geográficas específicas, mas evoluiu para uma ameaça transfronteiriça, adaptável e alimentada por interações complexas que combinam o crime organizado transnacional, as economias ilícitas e o tráfico ilegal de recursos, a par da crescente exploração das tecnologias modernas,” de acordo com a Agência de Imprensa da Argélia.

A Argélia não é considerada um foco de terrorismo. No entanto, as suas forças nacionais têm estado envolvidas na luta contra extremistas. O Exército Nacional Popular da Argélia informou que neutralizou 67 terroristas e deteve 369 pessoas por acusações relacionadas em 2025. O Exército também afirmou ter recuperado quantidades significativas de armas e munições, de acordo com o AL 24 News, da Argélia. No combate ao crime organizado, o Exército informou ter detido 2.354 traficantes de droga e apreendido 934 quilogramas de cocaína e 40 milhões de comprimidos psicotrópicos. Apreendeu mais de 2,6 milhões de litros de combustível.

Durante o workshop, Mansouri afirmou que África “sofre agora o impacto desta ameaça, com mais de 70% das vítimas do terrorismo global, numa crise estrutural que mina a autoridade do Estado, dificulta os caminhos do desenvolvimento e alimenta ciclos de instabilidade.” Disse que África precisa de reforçar a sua presença e o seu papel como actor estratégico nos esforços internacionais de combate, através de uma “abordagem continental mais coerente e integrada, baseada na clareza de visão e na consolidação da soberania estratégica.”



Soldados argelinos participam num desfile para a celebração dos 60 anos de independência do país em 2022. AFP/GETTY IMAGES



África do Sul JUNTA-SE ÀS OPERAÇÕES DE AJUDA HUMANITÁRIA EM MOÇAMBIQUE

DEFENCEWEB

A Força Aérea da África do Sul (SAAF, na sigla inglesa) utilizou três helicópteros para ajudar o vizinho Moçambique a resgatar 759 pessoas durante as inundações no início de 2026.

A equipa de Busca e Salvamento da SAAF entrou em acção após chuvas intensas que caíram em Janeiro em Moçambique e na parte norte da África do Sul. A equipa operou um Atlas Oryx e dois helicópteros A109.

“Esta missão constituiu uma componente crítica do esforço mais alargado de socorro em caso de catástrofe empreendido em resposta à situação de emergência que afectou milhares de civis,” o Major Lebogang Phakathi

disse em nome da SAAF.

Após a operação de busca e salvamento, o governo moçambicano, a SAAF, organizações humanitárias e parceiros forneceram alimentos, água potável e abrigos temporários às comunidades afectadas. As aeronaves da SAAF ajudaram a garantir que os alimentos fossem entregues em segurança.

“Embora as águas da cheia estejam a baixar lentamente, a escala da destruição continua a ser imensa,” afirmou a SAAF. “Será necessário apoio não só para restaurar a estabilidade imediata, mas também para recuperar e reconstruir totalmente o que foi destruído pela catástrofe das cheias. Os graves danos nas culturas e no gado deixaram muitas famílias sem fontes de rendimento, e a tarefa de reconstruir os meios de subsistência exigirá tempo, recursos significativos e cooperação sustentada entre instituições e comunidades.”

Dois helicópteros da SAAF também foram mobilizados para a ajuda às vítimas das inundações nas províncias sul-africanas de Limpopo e Mpumalanga. Os resgates incluíram pessoas de alojamentos de caça que ficaram encurraladas pelas águas das cheias.

No final de Janeiro, as inundações tinham causado a morte de mais de 100 pessoas na África Austral e deslocado centenas de milhares, segundo noticiou o The Guardian. Mais de 70 pessoas morreram no Zimbabwe, 30 na África do Sul e 13 no sul de Moçambique.

O pessoal da Força Aérea da África do Sul presta ajuda em caso de inundações e assistência humanitária em Moçambique no início de 2026.

FORÇA NACIONAL DE DEFESA DA ÁFRICA DO SUL

ESWATINI E QUÊNIA DISCUTEM ACORDO DE COOPERAÇÃO

EQUIPA DA ADF

Uma delegação das Forças de Defesa do Quênia (KDF) reuniu-se com representantes da Força de Defesa Umbutfo de Eswatini para discutir a cooperação militar entre as duas nações.

As duas partes reuniram-se no final de 2025 para discutir o desenvolvimento de capacidades através de parcerias de formação, informou o Ministério da Defesa do Quênia. Discutiram também a política e o planeamento de defesa, o bem-estar do pessoal, os termos e condições do serviço militar e cursos conjuntos de progressão na carreira.

As duas delegações abordaram o projecto de Acordo de Cooperação de Defesa Quênia-Eswatini, que propõe uma maior colaboração em operações de apoio à paz, investigação e desenvolvimento, serviços de saúde militar, gestão da segurança fronteiriça, segurança cibernética e outros aspectos da defesa. Descreveram a reunião como um “reflexo da boa vontade mútua” e uma oportunidade para reforçar as relações e partilhar experiências e informações.

A Força de Defesa Umbutfo de Eswatini é responsável pela defesa territorial, segurança interna e apoio às autoridades civis. Conta com cerca de 3.000 efectivos.

As KDF, com 50.000 efectivos, está activa em operações de manutenção da paz, particularmente na Somália, como parte da missão da União Africana.

Soldados quenianos preparam-se para sair da República Democrática do Congo em Dezembro de 2023.

AFP/GETTY IMAGES



Nigéria e Arábia Saudita ASSINAM PACTO DE DEFESA

EQUIPA DA ADF

A Nigéria e a Arábia Saudita esperam que um memorando de entendimento histórico aprofunde a cooperação militar e de defesa entre os dois países.

O acordo, assinado a 9 de Dezembro de 2025, em Abuja, surge num momento em que a Nigéria enfrenta múltiplas ameaças à segurança e procura um apoio internacional mais forte para reconstruir as suas capacidades de defesa. As autoridades nigerianas classificaram o memorando como “um marco significativo,” salientando que inclui cooperação em formação, exercícios conjuntos, partilha de informações, apoio técnico, logística e outros compromissos de defesa mutuamente acordados.

O acordo terá a duração de cinco anos, com opção de renovação. Qualquer uma das partes pode rescindir o acordo mediante um pré-aviso de três meses. O acordo inclui capacitação e formação, eficácia operacional, bem como combate ao terrorismo e segurança interna, de acordo com o Ministério Federal da Informação e Orientação Nacional da Nigéria.

A Arábia Saudita oferecerá “oportunidades alargadas de formação militar profissional, cursos especializados e intercâmbios de formação para elevar os níveis de competência do pessoal nigeriano,” disse o ministério. O acordo incluirá exercícios conjuntos e uma doutrina comum que irão melhorar a compatibilidade operacional e a prontidão em todas as forças armadas da Nigéria.

O ministério afirmou que os dois países irão cooperar em matéria de combate ao terrorismo, contra-insurgência e partilha de informações para apoiar os esforços contra o terrorismo e o crime organizado.

A Nigéria e a Arábia Saudita partilham laços diplomáticos, culturais e económicos de longa data, “fortemente influenciados pelas ligações religiosas através das peregrinações anuais do Hajj e da Umrah,” observou o jornal online Premium Times. Ambas as nações também colaboram no âmbito de organismos multilaterais, como a Organização da Cooperação Islâmica.

No último ano, as duas nações começaram a desenvolver novas parcerias. Em Janeiro de 2026, assinaram o seu primeiro acordo bilateral sobre o recrutamento de trabalhadores não qualificados, criando um corredor de trabalho formal, informou o Business Insider Africa. O acordo formalizará a contribuição da mão-de-obra nigeriana para a economia da Arábia Saudita, garantindo simultaneamente a protecção dos trabalhadores.

O Ministro de Estado da Defesa da Nigéria, Dr. Bello Mohammed Matawalle, e o Ministro-Adjunto da Defesa para Assuntos Executivos da Arábia Saudita, Dr. Khaled H. Al-Biyari, assinaram um memorando de entendimento.

MINISTÉRIO DA DEFESA
DA ARÁBIA SAUDITA

Uma Batalha do Século XVI Mudou a África Ocidental

EQUIPA DA ADF

Quando o sultão marroquino, Ahmad al-Mansur, invadiu o extenso Império Songhai, a sul, em 1591, as suas 3.000 a 4.000 tropas enfrentaram um exército 10 vezes maior.

Mas as tropas do sultão tinham uma vantagem tecnológica: a pólvora. Os dois lados enfrentaram-se na Batalha de Tondibi, e as lanças e flechas dos soldados Songhai não estavam à altura dos marroquinos e as suas armas de fogo desajeitadas, mas mortíferas, disparadas do ombro. As tropas do sultão venceram a batalha e a guerra subsequente que se arrastou nos meses seguintes. A guerra é agora reconhecida como o fim do império e um importante ponto de viragem na história da África Ocidental.

Datado do século XV, o Império Songhai, no que é hoje o Mali e o Níger, era a força dominante na África Ocidental, controlando rotas comerciais fundamentais, incluindo as utilizadas pelas caravanas do Sahara. O império tinha como centro o Rio Níger, a superauto-estrada comercial da África Ocidental, e incluía as grandes cidades de Gao e Tombuctu. Era um importante centro comercial de mercadorias que circulavam entre África e Europa, movimentando ouro, sal, escravos, têxteis e nozes de cola. Mas, no final do século XVI, foi engolido por rebeliões regionais e guerras civis e começou a desmoronar-se nas suas margens. Disputas dentro da família governante ameaçavam dividir o império. O reino já não era uma fortaleza.

No Norte de África, al-Mansur governava a dinastia Saadi, tendo chegado ao poder após derrotar Portugal em batalha, em 1578. Mas o seu império era limitado e o seu tesouro escasso. Precisava de novas fontes de riqueza para manter o seu exército e permanecer no poder, mas a maioria das suas possíveis áreas de expansão já se encontrava sob o domínio do Império Otomano. Em vez disso, voltou-se para o sul e para a região do Rio Níger, que se dizia ser rica em ouro. E embora Songhai já não produzisse ouro, ainda controlava as rotas comerciais de ouro. Era uma escolha óbvia para os planos de conquista do sultão.

O sultão enviou as suas tropas para sul, para o que é hoje o Níger. O exército marroquino teve primeiro de atravessar o Sahara, uma viagem que demorou meses



e custou a vida a muitos soldados e animais de carga. Quando finalmente chegaram ao território Songhai, o Askia de Songhai, ou governante, Ishaq II, mobilizou o seu exército, estimado em 30.000 soldados de infantaria e 10.000 de cavalaria.

A principal arma dos marroquinos era o arcabuz, uma arma primitiva que foi um precursor rudimentar do mosquete. Era mais letal do que arcos e flechas e mais preciso do que os antigos canhões de mão.

Os Songhai lançaram um enorme ataque frontal, incluindo a condução de 1.000 cabeças de gado para a batalha com o objectivo de perturbar as forças marroquinas. Mas o som dos disparos marroquinos aterrorizava os animais, fazendo com que estes se voltassem e, em vez disso, causassem uma debandada nas forças Songhai. A Batalha de Tondibi terminou em desastre para os Songhai.



Sultão Ahmad al-Mansur

Nos meses seguintes, as forças marroquinas avançaram enquanto as forças Songhai recuavam. O sultão capturou Gao, Tombuctu e Djenné, os centros do império. Mas não foi uma morte rápida para o Império Songhai, pois a sua classe dominante continuou a resistir, fragmentando a região. As tropas marroquinas, isoladas da sua capital, Marraquexe, começaram a amotinar-se e a dispersar-se, chegando mesmo a estabelecer-se nas terras conquistadas e a casar-se com a população local. Formaram uma nova classe militar que governou partes do Vale do Rio Níger durante décadas.

A invasão marcou o fim definitivo do Império Songhai, mas não pode ser considerada um sucesso total para o sultão. O ouro esperado acabou por ser distribuído aos mercadores europeus. O sultão controlava agora apenas fragmentos do antigo império. A logística de controlar um vasto território através do Sahara revelou-se uma tarefa impossível, e Marrocos perdeu o controlo das cidades Songhai nos anos seguintes.

O colapso de Songhai marcou o fim de uma longa era de grandes impérios em todo o Sahel, demonstrando a dificuldade de controlar qualquer região que incluía a vastidão do Sahara. Isso alterou os padrões do comércio global, modificando permanentemente as estruturas de poder africanas.

DICAS

- 1** Esta cidade, na extremidade sul do Sahara, é conhecida como a porta de entrada para o deserto.
- 2** O centro histórico da cidade, um importante cruzamento do comércio de caravanas, está dividido em 11 secções com formas irregulares.
- 3** Entre as habitações de barro e os edifícios religiosos encontra-se um minarete de tijolos de barro com 27 metros, a estrutura mais alta do género no mundo.
- 4** O local remonta aos séculos XV e XVI, quando o Sultanato de Aïr se estabeleceu ali.

PARTILHE O SEU CONHECIMENTO



Quer ser publicado?

Africa Defense Forum (ADF) é uma revista militar profissional e plataforma de notícias que funciona como um fórum internacional para profissionais militares e de segurança no continente.

A revista é publicada trimestralmente pelo **Comando dos EUA para África** e aborda temas como estratégias de combate ao terrorismo, operações de defesa e segurança, crime transnacional e questões que afectam a paz, a estabilidade, a boa governação e a prosperidade.

O fórum permite discussões aprofundadas e troca de ideias. Queremos ouvir de pessoas que entendem a dinâmica e os desafios de segurança no continente. Envie um artigo para publicação na ADF e deixe a sua voz ser ouvida.

ESTÁ ANSIOSO PELA PRÓXIMA EDIÇÃO?

A **ADF-Magazine.com** traz a si uma cobertura aprofundada dos eventos actuais que afectam a paz e a estabilidade. Confira o nosso site para ver as mesmas notícias confiáveis e precisas sobre segurança, relatadas semanalmente, a partir de todo o continente.



Se quiser manter-se conectado nas redes sociais, siga a ADF no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn, ou inscreva-se na nossa lista de e-mails no nosso site, **ADF-Magazine.com**, ou enviando um e-mail para **News@ADF-Magazine.com**.

Directrizes para autores para envio à ADF

Requisitos editoriais

- Artigos com aproximadamente 1.500 palavras são preferíveis.
- Os artigos podem ser editados quanto ao estilo e espaço, mas a ADF colaborará com o autor nas alterações finais.
- Inclua uma breve biografia sua com informações de contacto.
- Se possível, inclua uma fotografia sua em alta resolução e imagens relacionadas com o seu artigo, com legendas e informações sobre os créditos das fotos.

Direitos

Os autores mantêm todos os direitos sobre o seu material original. No entanto, reservamo-nos o direito de editar os artigos para que estejam em conformidade com os padrões editoriais e as restrições de espaço. O envio do artigo não garante a sua publicação.

Envios

Envie todas as ideias, conteúdos e perguntas para a equipa editorial da ADF para **Editor@ADF-Magazine.com**. Ou envie por correio para um dos seguintes endereços:

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/ADF News Media
Unit 29951
APO AE 09154 USA

Headquarters, U.S. Africa Command
ATTN: J3/ADF News Media
Kelly Kaserne
Plieninger Strasse 289
70567 Stuttgart, Germany

